

281

ME EMPRESTA SUA MULHER ... ?

Mara, Roberto



IMPRÓPRIO  
ATÉ 14 ANOS

3 Atos (1º Dividido em 2 Cenas)

ROBERTO MARA  
P. Alegre/64.

Comédia

ÉPOCA ATUAL. QUALQUER PARTE. DECORADO ÚNICO; INTERIOR DE APARTAMENTO MODERNO. LATERAL DIREITA, QUARTO OCUPADO POR EDUARDO. LATERAL ESQUERDA, QUARTO OCUPADO POR RAUL, AMBOS COM PORTA SEGUNDO / PLANO. AS PAREDES LATERAIS TERMINARÃO AMBAS, EM SAÍDA RUA (lateral direita) e SADA INTERIOR APARTAMENTO (lateral esquerda), SENDO QUE FUNDO PALCO SERÁ QUARTO TIA, COM PORTA NO CENTRO. LARGURA DO QUARTO TIA SERÁ APROXIMADAMENTE A METADE DA LARGURA DA BOCA / DO PALCO. LATERAL ESQUERDA, 1º PLANO, NASCE SACADA À GALERIA QUE SE PROLONGARÁ NAS TRÊS PAREDES. SOBRE QUARTO TIA, PORÉM MENOS / LARGO, ESCRITÓRIO RAUL COM MESA, SOFÁ, JANELA NA PAREDE FUNDO, ALGUNS LIVROS, MÁQUINA ESCREVER E DECORAÇÃO DE ACÓRDO COM CRITÉRIO DIREÇÃO. NO CENTRO PARTE TÊRREA, SOFÁ QUATRO ESPAÇOS E OUTRO PEQUENO; CIRCUIR DE PÉ ENTRE AMBOS. RESTO DECORAÇÃO TAMBÉM A CRITÉRIO. TODA DECORAÇÃO INDICARÁ BOM GÓSTO E BOA SITUAÇÃO FINANCEIRA. DIREITA/ESQUERDA, AS DO ESPECTADOR. -----

I ATO

- D. DANIEL : (QUE ESTARÁ BEBENDO, DE PÉ, COM COPO NA MÃO. IMPACIENTE. OLHANDO RELÓGIO DE PULSO. FALA OLHANDO PARA QUARTO ESQUERDA) E... vamos ou não...? Faltam só 50 minutos para o avião partir...
- D. ADELA : (DE INTERIOR) Não amole que já saímos, tá...? A coitada está terminando de arrumar-se... Imagino/que ninguém está querendo que saia feito uma bruxa...
- D. DANIEL : (RESIGNAÇÃO) O que não quero é que percam as passagens...
- RAUL : (SAINDO DO QUARTO) Já estão prontas, senhor Daniel... O senhor sabe como elas são...!
- DANIEL : Como não sabê-lo...! 22 anos aguentando a minha!
- RAUL : (COM ESTRANHEZA) 22 anos...? Então quer dizer que o senhor está levando-me 21 anos, nove meses e quatro dias, de vantagem no preço da felicidade?
- DANIEL : Ou da desdita... como queira dizer...



**IMPRÓPRIO  
ATÉ 14 ANOS**

- RAUL : Oh!... dona Adela é muito amável...
- DANIEL : Sim, enquanto faça como ela quer... É sempre que não se trata de chegar tarde em casa...
- RAUL : Imagino que isso acontece com todas... É o amor / que faz elas assim... (QUASE SEGREDO) E agora, entre nós, é bom viver assim: um lar, uma esposa... Nada de "saídas pepaminosas", e etc., etc., etc...
- DANIEL : Costarei de ver você quando a sua mulher começar / a engordar, botar na cabeça óculos ridículos "papelotes" noturnos, querendo angustiar-se amorosamente nas noites de inverno, sem notar que esses minúsculos "garfos de Satã", amorosamente, delicadamente, românticamente, inagüentavelmente, vão se introduzindo nas suas orelhas, na boca, para por último, enredar-se nos seus cabelos... E isso, se tem a fortuna de não perder um olho, numa dessas / "fugidinhas no escuro", a procura do penúltimo / beijo de "boa noite"... Ai morre todo o romantismo que sente durante os primeiros tempos...
- RAUL : (RINDO) Bom... pelo que vejo, vou salvando-me...
- DANIEL : Não tem pressa... mas tenho certeza que verei o / senhor convidando-me para "jogar um pôquersinho", uma ou duas vezes na semana, na casa de fulano ou siclano, bem na frente da sua esposa...
- RAUL : Mas, se ela sabe que eu não jogo...
- DANIEL : Não tem importância... Um marido com nojo do "bofe" caseiro, mesmo sendo só para "cheirar um bom / filé-mignon", é capaz de aprender a esquiar com / as mãos e de camisola.
- DR. ADELA : (SAINDO, GORDA E MUITO RIDÍCULA NA SUA APARÊNCIA). Bom, estamos prontas... Vamos querido...?
- DANIEL : (RESIGNADO)... Vamos... a "esquiar de camisola"...
- ADELA : Como...? A esquiar de camisola...? Tu estás...? Ou será que tens a intenção de fazer turismo no, viajando para algum país europeu, depois de prometer-me que ficarias "a trabalhar"... vai fazer botagens...! Lembra-te da bronquite...!

IMPRÓPRIO  
ATÉ 14 ANOS

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

DANIEL : Não tem papo, foi uma piada que Raul idealizou para que me entregasse nos próximos 15 dias. Não é mesmo, Paul...?

RAUL : (QUE ESTÁ RAÍDO TALKANDO COM MARIA ELENA, SUA ESPOSA) Ah, sim... é verdade...

M.ELENA : Cuida-te, do, sim...? Qualquer coisa que precisares não de mandar chamar-me...

DANIEL : (CORTA) Ah, de forma alguma... Ele fica para escrever, com a vossa "lua de mel", está bastante atarefado segunda novela... O convencionalizado, o cionado está... Estou pagando as despesas suas, para que o seu "caridinho", produza essas obras escritas que tanto se vendem... Para isto o EDITOR... Pago e tenho direito de exigir não acham...?

ADELA : Tirano... (atacar estas duas "pombinhas", namorados, para de uns papéis mais ou menos... Bem que terias substituir esta novela deste mês, com a... aquela que escrevi nas antepenúltimas...

DANIEL : Tu estás indo e desquite...? Não, digo, estás querendo ir a viagem...? (OLHANDO RELÓGIO) / Neste momento, precisamente, só 40 minutos, dos quais perderemos na viagem até o aeroporto... Poró, ainda o tempo para despachar a bagagem... em dizer-me quanto tempo acham que sobra...?

ADELA : Até dentro 15 dias, Raul... Fique tranquilo / que cuida... Mas, o senhor cuida-se também, e ao mesmo tempo trate de vigiar um pouco este "velho brabo", tá? (DIZ ISSO QUASE EM BRINCADEIRA E TRISTEZA).

RAUL : Perca o cão, dona Adela... Guardaremos o melhor componente possível...

M.ELENA : (CARINHOS... "o melhor possível" para... te...?

RAUL : Tu sabes sim... Eu amo você, minha...  
Eu amo você...



IMPRÓPRIO  
ATÉ 14 ANOS

- DANIEL : Ehemmm... ehemmm, vamos "velha"... (ALTO) Dois mi nutos para perder o avião... E se vocês duas não viajam, o romancista Raul Gutierrez Alcântara, não me entrega os originais em tempo... (SÃO COM ADE LA LEVANDO MALAS).
- M.ELENA : Cuida-te, meu amor, sim...? Diariamente escreve- / rei...
- RAUL : Também eu...
- M.ELENA : E, não ficarás a chorrecido tanto tempo sozinho...?
- RAUL : Procurarei companhia nas personagens que botar na trama, e quando elas não mais tenham a dizer, irei junto de ti, para falar-te o que para ninguém po- / daria dizer...
- M.ELENA : Sabes...? Estou com ciúmes...
- RAUL : Ciúmes...? De que...? De quem...? Por quê...?
- M.ELENA : Das tuas personagens, do teu romance, do teu fe- / chamento para compartilhar com essas seres imagi- / nários, as horas que vejo-me obrigada a ficar lon- / ge de ti...
- RAUL : Não tem perigo... Não troco-te nem trocar-te-ia / por ninguém...
- M.ELENA : Nem pelas "boas" que sempre destraves nas tuas no- / velas...?
- RAUL : Nem por elas... Tu não notou que nenhuma ouva dos "seus namorados" de palavras que deposito, junto com meus beijos, aqui, aqui, aqui e aqui... (ESTA RÁ BEIJANDO CABELOS, OLHOS, PESCOÇO, E QUANDO ES- TÁ PARA BEIJAR BÓCA):
- DANIEL : (APARECENDO) E...? Vamos ou não vamos...?
- RAUL : (SEM DEIXAR DE BEIJAR E COMO QUEM PALA COM BÓCA / CHEIA): Siiummm... (FAZ SINAL COM A MÃO PARA DA- / NIEL APASTAR-SE).
- DANIEL : (COM GESTO DE RESIGNAÇÃO - AO MURIS) Vou ver-te / cheirando um bom filé-mignon... (MURIS).
- RAUL : (DEPOIS DO BEIJO)... Meu amor... amo-te...
- M.ELENA : Também eu, minha vida... (NOVO



**IMPRÓPRIO**  
**ATÉ 14 ANOS**

5.

ADELA : (ENTRANDO), Mas, isto é o último...! Nós aguardan-  
do com o carro lá fora, e vocês como se o mundo /  
só existisse para um homem e uma mulher...

RAUL : (COM CHEGADA DE D.ADELA SEPARAM-SE. RINDO) E que/  
é que a senhora quer... dona Adela... nas novelas  
sempre acontece assim... Quando ele ou ela saem /  
da viagem, sempre se beijam...

ADELA : Com a diferença de que nessas películas, não exis-  
te o perigo que "os beija-dores" percam o avião...  
(TODOS RIEM. MUTIS).

RAUL : (DEPOIS DE APAGADO RUÍDO MOTOR CARRO, VOLTA, LIM-  
PANDO BOCA SUJA DE BATON)... Bom... agora, a tra-  
balhar... (SENTA NO SOFÁ DO CENTRO E ASCENDE CI-  
GARRO, AO CONTINUAR FALANDO)... Na realidade, D.  
Daniel tem razão... A "lua de mel" atrasou tudo,  
um boçado... mas, foi bom... bom demais... Maria  
Elena é um anjo de doçura... Coitada, a força que  
fez para não chorar, até o último momento... Po-  
rém, mesmo resistindo até o fim, junto com os pri-  
meiros ruídos do motor, apareceram as "pequenas  
pérolas salgadas"... (SUSPIRANDO)... Ah!... amor  
... amor... que seria da vida sem esse divino ma-  
lestar...! (TELEFONE) Alô, sim, sim, é ele quem/  
fala... Ah, é tu...? Estava estranhando que dei-  
xasses passar uma manhã sem telefonar-me... (PAU-  
SA) Envidvei... (FAZ UMA FIGA) (PEQUENA PAUSA)...  
Não, nada disso... Maria Elena foi passar 15 dias  
na praia, com a esposa do D.Daniel, o meu editor.  
.. (PP)... Sim, é... E como estou muito atrasado/  
com a minha "super-produção"... ha... ha... ha...  
o velho inventou não sei que enfermidade na sua  
mulher e obrigou-me a emprestar-lhe a minha... /  
(PP) Não, não te assustes, emprestei-a à ela, não  
ao marido... (PP) Claro, elas se foram, e ele fi-  
cou a vigiar-me... Porém, por um lado, melhor ain-  
da... Esses dias farão bem a ela, e para mim será  
bom, pois escreverei vinte horas por dia (PP) ...  
Bom, quer dizer, digamos... 10... (PP)... Não, tam-  
bém não vou desperdiçar as horas... (PP) ... que me



esperava... O mesmo de sempre... Bom, não sei ainda como se arranjará isso, porém, entre hoje e amanhã, o terei resolvido... (PP)... Bom, sendo para uma visita breve, de acôrdo, podem vir, porém/sem fazer-te nenhuma ilusão de levar os originais (PP. RI) Veremos... de acôrdo... Até logo mais... (DESLIGA. FICA OLHANDO O TELEFONE E QUANDO COMEÇA A SUBIR A ESCADA, SÓ A CAMPAINHA DA RUA)... Começamos bem... Se isto sague assim, desligarei a / campainha da rua e do telefone, para que ninguém/ incomode-me... (ABRE PORTA RUA).

MESSAGEIRO : Telegrama, senhor... Por obséquio, assine aqui... (FAZ) Muito obrigado... Bom dia... (RECEBE CARTA)...

RAUL : (FECHA PORTA, ABRE TELEGRAMA. LÊ E DEMONSTRA SUS-  
TO. CAI NO SOPÁ) Eh...? O único que me faltava...! Não pode ser! E agora, que, como faço...? (VAI AO TELEFONE) (DISCA) Alô, com o aeroporto...? Por / gentileza, senhorita, que horas são...? Não, não, perdoe-me, digo, saiu já o avião da Cia. Interna- / cional... o que vai as praias...? (PP)... Sim, / por favor... (PAUSA. PARA SI) Só isto e termina- / se-me a paz para o resto da vida... (TRANS.) E tu do por sua culpa... por ser tão avestruz, tão in- / constiente... (PP)... Não, não senhorita, não é / por sua causa... Estava falando com... com... bem, estava falando com o avião... (PP) como...? O avi- / ão acaba de levantar vôo...? (MUITO DESANIMADO) / muito obrigado e desculpe... (DESLIGA ABATIDO)... O melhor que posso fazer é também ir-me embora... Ou, então fechar-me e não atender a ninguém... (PP) Não, não posso fazê-lo à tia Maria... Viaja / 2.300 km, para ver-me e não posso fazer-lhe esse / desaire... Aliás, se após 15 anos de "má vida" , como ela sempre apelidou todos os meus sonhos, eu não estivesse esperando-a, morreria de tristeza, e de raiva deixaria toda sua fortuna, o gado, e a / fazenda, tudo, para um asilo... (PP. TRANS.) Mas, / como faço para explicar-lhe que necessitava estar só para adiantar o trabalho, e que a minha mulher



zinha" está na praia com a esposa do meu "patrão" (DIRÁ MEIO DEPRECIATIVAMENTE)... Já imagino vê-la dizendo: "Não, não e não... Um homem só não sabe administrar nada... Portanto, se ainda estás solteiro, pior para ti... E como não tenho mais parentes, entregarei tudo para algum asilo de velhos... Eles saberão fazer obra..." (TRANS.) Obra... obra... obra... (CAMPAINHA DA RUA) (ALTO / NERVOSO)... Obra, não, digo, abra... (MUITO ASSUSTADO) Que faço? A tia...! (NERVOSO OLHA, VAI, VOLTA, NÃO SE ANIMA A ABRIR. FIGA JUNTO À PORTA / ESCUTANDO. VOLTA CENTRO CENA. CAMPAINHA NOVAMENTE. NOVO SOBRESALTO. FINALMENTE, COMO QUEM TOMA UMA / RESOLUÇÃO HERÓICA, CHEGA JUNTO À PORTA E ABRE-A. / ALIVIADO)... Eduardo! ... Maria Rosa! ... (PEGA-O PELA MÃO E QUASE ARRASTANDO-O LEVA-O PARA DENTRO; IDEM EDUARDO COM MARIA ROSA, FECHA PORTA BATENDO / E FICA ENCOSTADO DEMONSTRANDO ALÍVIO E ABATIMENTO)

- EDUARDO : Que aconteceu...? Qual o mistério...? Ficaste louco...?
- RAUL : Não, mas quase...
- EDUARDO : Pelo visto...! Telefone-te e dizes-me que estás viúvo. Chego e recebes-me como se fôsse um personagem dessas películas de mistério... Se pode saber que tens...? Ou estás querendo encenar uma nova peça teatral...?
- RAUL : Sentem-se... Leia... (ENTREGA-LHE TELEGRAMA).
- EDUARDO : (LÊ EM VOZ ALTA)... "SENHOR ESCRITOR, ILMO. AUTOR / DOM RAUL GUTIERREZ ALCÂNTARA..." (À ELE) Está bem ... é para ti... Segue o endereço, que é este mesmo, o de tua casa...
- RAUL : Continua lendo... O terrível está abaixo...
- EDUARDO : (CONTINUA LEITURA)... "QUERIDO SOBRINHO E ESPOSA / STOP CHEGAREI QUINTA FEIRA ÀS DOZE HORAS COM TREM STOP VEREI SE JÁ CRIASTE JUÍZO STOP É A ÚLTIMA OPORTUNIDADE QUE TE DOU STOP ESTOU VELHA E QUERO / FAZER O TESTAMENTO DE UMA VEZ POR TÓDAS STOP UM / ABRAÇO PARA VOCÊS DOIS STOP TIA MARIA STOP AH, ES





PERO QUE TUA ESPÓSA SEJA BEM BONITA STOP" (OLHA / PARA RAUL).

- RAUL : Stop... stop... sto-perdido...
- EDUARDO : (QUE TEM O OLHAR PARA SUA ESPÓSA) Não vejo o motivo...?
- RAUL : Lógico... como não estás em meu lugar...!
- EDUARDO : Não vejo o problema que possa existir em que uma / tia rica venha visitar-te, com vontade de fazer o testamento em teu nome...
- RAUL : Bem se nota que não a conheces...
- EDUARDO : Tomara tivesse uma igual... Porque até agora o único que tive foi um irmão do meu pai, que antes / de morrer pediu-me dinheiro emprestado e nunca / mais Cabral voltou à América... Ainda, depois de morto, tive que pagar, em prestações, a conta da funerária...
- RAUL : Não estou com ânimo para brincadeiras...
- EDUARDO : Nem se estou fazendo... Simplesmente...
- RAUL : Simplesmente..., aguardar durante toda uma vida / que uma tia rica morra depois de ter casado, e agora que o fiz, quando vem ela à dar-me o presente de bodas, acha-me sem mulher... É como passar / o ano todo ensinando o cachorro a caçar, aprontando a espingarda e as aparelhagens todas; acordado e dormindo imaginar a grande caçada... Até que no momento de pegar o trem para viajar rumo as perdi- zes, apareça o empregado do canil e leve o per- digueiro. (P.TRANS.) Só comigo... só comigo pode / acontecer algo assim...! Será possível que o no- velista que escreveu a novela da minha vida tenha sido tão cruel assim, como para maltratar-me des- te modo...?
- EDUARDO : Bem... também não é para... enfim... Acho que tu- do tem solução... Ela aparece, tu lhe explicas o que acontece e assunto terminado...
- RAUL : Quê...?

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0212 - CEP 90020-025



- M.ROSA : Claro, quando ela vier, tu diz para ela o que aconteceu com Maria Elena...
- RAUL : ... e ela acreditará que é outra das minhas mentiras, e fazendo meia volta, vai embora com os seus milhões, junto às vacas e as batatas... (TRANS.) Não, eu já disse, é a maior injustiça que podem fazer a quem em tôdas as tramas só trata de descrever personagens felizes, plenos de amor, compreensão, nobreza... Passcal para quem a vida tudo dá, e de quem ela nada pede... No entanto, para mim, pede, exige tudo... Dá-me um ogro como patrão, quer dizer, para editor, e êste tira-me a mulher... Dá-me uma tia velha, com critério de velha, com idéias da época quando por não existirem Cartórios, as crianças eram registradas nas árvores; que supõe que somente o homem é homem depois de casado... Que não acredita que um matrimônio, por razões especiais, como esta, por exemplo, esteja separado mesmo amando-se profundamente... Que diz, repete e re-repeta que marido e mulher unirem-se para estar sempre juntos... Caso, acontecer o que aconteceu, e êsse inspetor da fidelidade, com saias de mulher do ano mil e oitocentos, com um telegrama que mais parece uma condenação de morte, sem direito a recurso, cai-me como para lalapitado sobre um joanete... (M.ROSA RI).
- M.ROSA : (RINDO) Raul... não é para tanto... Vendo-te assim, penso que erraste a profissão... Tu deverias ser ator e não escritor...
- RAUL : Ator...? É para que quero sê-lo se já sou um titeriteiro... O grande titeriteiro escolheu-me os scripts mais diabólicos, como se eu fôsse um boneco com coração de pano ou de papel...
- EDUARDO : Concluístes, Aristóteles do século vinte...? Senta-te, e diz-me onde é que tu guardas as boas bebidas, para as boas celebrações, e fazendo como que tudo isto não fôsse mais do que um sonho, vamos razeoar, ao compasso d'uns goles de bom vermouth, ou melhor ainda, com uns sôrvos de whisky...



- M. ROSA : Vais começar cedo a beber... ?
- EDUARDO : Só como para esclarecer a mente... na procura de/ soluções...
- RAUL : (TERÁ SENTADO-SE. ABATIDO. INDICA COM A CABEÇA PEQUENO BAR DENTRO DA CENA, PORÉM EM LUGAR INDICADO A CRITÉRIO DIREÇÃO)... Abre essa garrafa de congnac...
- EDUARDO : (VAI JUNTO MÓVEL, ABRE PORTA. ALEGRE)... Ah... Tinhas uma garrafa do ano 1902 e nada dizias...?
- RAUL : (CONTINUA FALANDO QUASE SEM FORÇAS, PENSATIVO) Deu-me-á ontem... Um leitor anônimo da ante-penúltima novela...
- EDUARDO : (ACERCANDO-SE COM TRÊS COPOS E GARRAFA. QUASE MISTÉRIOSOS) E... se estivesse envenenado...? Não tens medo que em lugar de ter sido "um fan anônimo, seja alguém querendo ficar com a tua vaga de escritor...?
- RAUL : Estaria fazendo-me um grande favor... Neste momento qualquer coisa que me acontecesse não teria importância...
- M. ROSA : E não terias dor de deixar Maria Elena viúva, tão nova?
- RAUL : Acho que até seria uma boa solução... Com toda certeza, tia Maria se compadeceria dela e a faria sua herdeira universal...
- EDUARDO : (DURANTE A CONVERSA TERÁ ABERTO GARRAFA E SERVIDO BEBIDA PARA OS TRÊS, ENTREGANDO UM COPO PARA CADA UM)... Bom... à saúde de todos... E pelo êxito das tuas novelas... Eh, e pela tua obra de teatro, a qual, depois de ter sido premiada há mais de um mês, tem-me sem poder dormir nem comer... Ah, e falando nissó, antes do brinde, poderíamos juntar a todos êsses bons desejos, o anúncio da estréia de "DOIS AMÓRES E UM HEBÊ", original de Raul G. A. cântara, pela companhia Maria Rosa Benites-Eduardo Santamarina, no teatro Ribeirita desta Capital... Que tu achas...? E tu que opinas, Maria Rosa...?



- M. ROSA : Eu "enchantée"... Sabes muito bem que é o que desejamos...
- EDUARDO : E o Ilmo. Senhor Autor, que opina...?
- RAUL : Que necessito de uma mulher...! Urgente... Já... Agora... Antes que seja demasiado tarde...
- EDUARDO : (ESTRANHANDO MUITO) que necessitas quê...?(A ELA) Por favor, querida, cobre-te os ouvidos, ou melhor, vai no quiosque, que fiquei sem cigarros, e traz um par de carteiras, sim...?
- RAUL : (AO VER QUE M. ROSA VAI PARA PORTA RUA) Não... Niguém sai desta sala... E ela menos ainda...
- EDUARDO : Mas, tu estás louco...?
- RAUL : Nem o sei nem o quero saber... Só sei que ela será a minha mulher...
- EDUARDO : Como brincadeira, chega...
- RAUL : Não é brincadeira, não... É bem sério... A partir deste momento, tua mulher é minha mulher...
- EDUARDO : (ESTRANHANDO MAIS AINDA) Quê...? Minha mulher será tua mulher...?
- RAUL : O que ouviste... o que ouviram...
- EDUARDO : (APARENTANDO CALMA E TRATANDO DE ENCERRAR CONVERSA) Raul, nós vamos embora... E se te faz falta / algo, chama-me... Ou talvez queiras que chame um médico já...
- RAUL : Eu não necessito médico nenhum... O que estou precisando urgente, urgentíssimo, é de uma mulher... E a tua será a minha, custe o que custar...
- EDUARDO : Isto é inaudito... Se não fôsemos amigos de tantos anos, eu tomaria como uma ofensa...
- RAUL : Não tens porque fazê-lo... E farei um trato contigo, quer dizer, far-te-ei uma oferta...
- EDUARDO : Vamos parar com essas besteiras...
- RAUL : Não são besteiras... Estou falando sério... E para que o entendas farei bem claro... Troco "DOIS AMORES E UM BEBÊ" por Maria Rosa... Aceitas...?



- Vieste para isso, não foi...? Para obter a autorização de estrear a peça... E estou disposto a dar-te-a, porém, sob essa condição... Minha obra pela tua mulher... (M.ROSA E EDUARDO OLHAM-SE DE- / MONSTRANDO NÃO COMPREENDER E COMO CONSULTANDO-SE) E...? Aceitam...? É fácil...! Tu diz que com ela poderias fazer um êxito... que seria a tua consagração como ator... Que chegarás ao que sempre desejaste ser: a primeira figura da cidade e do país, e, dos céus onde brilham as estrelas do teatro... Tá, está é a tua oportunidade... Terás, por tempo indeterminado, exclusividade para representá-la em teatro, cinema, televisão e se aparecesse alguma outra forma de expressão artística, desde já estás autorizado a utilizar a peça...
- EDUARDO : As novelas subirão-te à cabeça e não sabes o que é que estás dizendo...
- RAUL : (COMO SE NÃO TIVESSE OUVIDO AS PALAVRAS DE EDUARDO)...E, aceitam...? (À ELA) Maria Rosa, que é / que dizes...? Queres ser minha mulher...?
- EDUARDO : (APAVORADO. ANTES QUE ELA RESPONDA) Não...!
- RAUL : Perdão, mas a pergunta foi para ela... (À ELA) Sim ou não...?
- M.ROSA : Pude tê-lo sido anos atrás... Hoje não... Sou a / esposa de Eduardo...
- EDUARDO : (TRANQUILIZADO, QUASE TRIUNFANTE)... Viu...? A / resposta foi bem clara... Não...
- RAUL : E tu, que respondes...?
- EDUARDO : Acaso supões que seria capaz de negociar a minha / esposa por uma peça de teatro...?
- RAUL : Por quê não...? Outros o fariam por muito menos...
- EDUARDO : E se tal é tua opinião, por quê não o fazes? Por / quê não saís a procurá-la ali, onde te custaria / muito menos...?
- RAUL : Porque não tenho tempo... Porque a minha tia está para chegar e não quero que me encontre casado, porém, solteiro... (PEQUENA PAUSA) E...? Sei



- tam...?
- EDUARDO : (QUERENDO COMPREENDER) Raul, não consigo compreen-  
der-te. Acabas de dizer que queres...
- RAUL : (CORTANDO)... que quero trocar, minha obra de tea-  
tro, recentemente premiada, com colossais elogios  
da melhor crítica teatral, por uma mulher, e par-  
tir dêste momento... Está claro...? E essa mulher  
tem que ser a tua... Tá...?
- EDUARDO : (LEVANTANDO-SE) Completamente claro... Tanto, que  
te comunicamos que nos retiramos... É caso, um /  
dêstes dias, passarem as tuas férias, podes tele-  
fonar-me para dizer algo mais esclarecedor sôbre/  
tudo isto... Boa-tarde...
- RAUL : Não Eduardo, não compreendeste... Senta-te...
- EDUARDO : E ainda tens coragem de dizer que não entendí...?
- RAUL : Claro que não entendeste... Veja só... O que es-  
tou querendo. É para apresentar à minha tia, uma  
espôsa, a tua espôsa por um dia, ou dois, ou en-  
tão três... É isso, durante o tempo todo que "a /  
fazendeira" estiver aqui...
- EDUARDO : E se a "vaqueira", agradando-se demais de vocês ,  
decide ficar morando aqui definitivamente, que é  
que eu faço...? Entre num convento a rezar, espe-  
rando que o Espírito Santo se encarregue de lem-  
brar-lhe à minha mulher que é minha espôsa, mesmo  
deitando-se contigo...?
- RAUL : Isto seria por pouco tempo... Até a tia ir embora  
... Na mesma hora que ela sair com as malas, te  
dou a minha palavra que te devolvo Maria Rosa...
- EDUARDO : E voltando Maria Elena...?
- RAUL : Ela demorará 15 dias... E antes disso, a tia terá  
saído...
- EDUARDO : Na verdade, que sendo assim, bem, daria para con-  
cordar até...
- M. ROSA : (ASSUSTADA) Eduardo...? Tu concordarias...? Quer  
dizer, és capaz de trocar-me por uma peça de tea-  
tro...?



- EDUARDO : Bom, também não seria justamente isso...
- M.ROSA : Então...?
- EDUARDO : Eu concordaria se fôsse para fazer-lhe um favor / assim... Porém, sempre que dormissem, um neste / quarto (DIREITA) e o outro naquele... (ESQUERDA).
- RAUL : Impossível... Minha tia é muito antiquada e não / compreenderia, de forma alguma, que uma união de recém-casados, dormissem em quartos separados, e muito menos, estando tão afastados... Sempre fala va-me do feliz que foi seu matrimônio com seu de-funto marido, quando tinham que dormir os dois / num só catre. Claro que isso era antes de juntar / a fortuna que depois fêz.
- EDUARDO : Claro... antes era assim mesmo...
- RAUL : E ela segue olhando a hora, no mesmo relógio da Idade Média.
- M.ROSA : (QUASE RINDO) Como, se naquela época não havia re-lógios...
- RAUL : Concordo... Mas naquela época, os maridos dormiam com suas "espôsas" e cada matrimônio tinha 20 ou 30 filhos... e acho muito difícil convencer essa / "pré-história", com nome de Maria e parentesco de tia, que assim, à distância, um homem e uma mu- / lher, possam chegar a povoar esta parte do globo!
- M.ROSA : Simm, concordo...
- EDUARDO : Eh...? Nem falta faz...
- RAUL : Paremos com essas bobagens e vejamos de resolver / as coisas de maneira mais lógica...
- EDUARDO : Ah, tu chamas de "bobagens" ao fato de eu não con-cordar com que minha mulher seja mãe de 20 ou 30 / filhos teus... É acima de tudo, achas muito lógi-co...
- RAUL : (QUASE CORTA) Bom, também não vou exagerar... Po-rém, imaginas o "cartaz" que ganharíamos, se no / prazo de 8 a 10 dias, conseguíssemos, a tua "dig-níssima espôsa" e este, teu mais devotado colabo-rador, digo, servidor, ser fabricantes



quantidade de criaturas...? Todos os jornais, as revistas, os informativos radiais, cinematográficos, os da televisão, todos, com enormes manchetes, anunciando o fato... Maria Rosa d'um lado para outro tratando de dispôr graciosamente, todo / êsse "pranto com corpo de gurí", e nós dois, tu e eu, orgulhosos, dando entrevistas à cronistas e fotógrafos, sem deixar de ressaltar a verdade das coisas: "Sim senhores... o milagre do século... / Entre a espôsa do meu amigo Eduardo, aqui presente, e eu, neste breve espaço de tempo, instalamos uma verdadeira crèche... há... há... há...

- EDUARDO : (BURLA) há... há... há... Não vejo a graça...
- RAUL : (NOVAMENTE SÉRIO) Eu também não..., podes acreditar-me...
- EDUARDO : Mesmo assim, insistes no empréstimo de minha mulher...
- RAUL : Sim...
- EDUARDO : E assim tu o diz...? Com a mesma tranquilidade do que pede o carro para dar um passeio pelo parque, ou o aval para comprar à prestações nas lojas do judeu da esquina ou de outro qualquer comerciante, de qualquer outra nacionalidade.
- RAUL : (VENDO QUE NÃO DÁ PARA CONVENCÊ-LO) Então quer dizer que não me ajudarão...?
- EDUARDO : Não, também não é isso... Mas, fica no meu lugar.
- RAUL : E que outra coisa tu achas que estaria fazendo...?
- EDUARDO : Falemos sério... Pede qualquer outra coisa...
- RAUL : E que outra coisa poderia pedir-te...? Que tu ficasses comigo, fazendo as vêzes de minha mulher? Não, seria pior.
- M. ROSA : (RÍ) há... há... há... Parece-me estar vendo Eduardo com camisa de dormir e peruca loira e cumprida, cumprimentando tia Maria com um delicado "boa-noite, titia..." E o pior não seria isso, não... Depois, quando os dois tivessem que dormir





- de casal... há... há... há...
- EDUARDO : (ABORRECIDO, CORTA) Basta... É ridículo...
- RAUL : Mais ridículo é que eu, por incompreensão de dois amigos, não possa apresentar para minha tia, a mulher dêle, como se fôsse a minha, por uns dias...
- EDUARDO : E onde dormiriam...? Na mesma cama...?
- RAUL : Claro... Para tia essa é a única maneira dos matrimônios dormirem...
- EDUARDO : Mas, por quê um dos dois não dorme num sofá...?
- RAUL : No quarto não há... E agora não mais temos tempo/ para comprar um...
- EDUARDO : Ou em duas cadeiras juntas...
- RAUL : A "história" o julgaria mal...
- EDUARDO : Que história...?
- RAUL : Quer dizer, a tia...
- EDUARDO : Ou no chão...
- RAUL : E tu concordarias com que a tua esposa dormisse / no chão...?
- EDUARDO : É... sendo esse o motivo... Melhor uma virgem a / cavalo, do que um diabo em volkswagen...
- RAUL : Eu não concordaria... De forma alguma poderia permitir que enquanto eu desfruto de um colchão de / molas com um lado para inverno e outro para verão, a minha esposa, digo, a tua esposa esteja dormindo no assoalho duro, sem molas...
- EDUARDO : Então, dorme tu no chão...
- RAUL : E se minha tia quiser espreitar-nos...? Não pensou...? Se decidisse olhar pelo buraco da fechadura...?
- EDUARDO : Não tem perigo... Eu estaria vigiando...
- RAUL : Tu...? Onde...?
- EDUARDO : Aqui...
- RAUL : Tu aqui...? Para quê...?
- EDUARDO : Como para quê...? Para cuidar minha mulher... ora



essa...

- M. ROSA : Claro... Eduardo ficaria aqui, e... e...
- RAUL : É como explicaria para a tia que recém-casados, es-  
tou com um desconhecido...
- EDUARDO : Ah, com desconhecido, hem...? Não... nada disso...  
Com o marido da tua mulher...
- RAUL : Pior ainda... Com o marido da minha mulher, na mi-  
nha casa, por tãda parte para que não possamos fi-  
car sôzinhos, às 24 horas do dia...
- EDUARDO : É que teris de mau isso...
- RAUL : Se ela fôsse civilizada, quer dizer, se andasse /  
com o ritmo moderno e não com o do merinaque e /  
três anáguas, pode que o aceitasse, mas ela ainda  
vive na era dos "bondes a cavalo", da mazurca, dos  
"fidalgos Quixotes da Mancha, com Dulcinéias e /  
Sanchos Pança..." Só se tu quisesses que eu viras-  
se "Cavalheiro" tendo-te por ajudante... como em-  
pregado... (REAGE) Isso... já está... Tu ficas a-  
qui como empregado... Tu serás o criado...
- EDUARDO : Criado eu...?
- M. ROSA : (RI)
- EDUARDO : Por quê ris...? (BURLA) há... há... há...
- M. ROSA : Do bonito que estarás com aquela fantasia de ser-  
viçal que usavas na obra portuguêsse, aquela, a que  
representavas quando nos conhecemos...
- RAUL : Isso... Poderias usar aquela mesma roupa... Não  
pretenderás que te compre todo um fardamento, por  
uns poucos dias... O trato é trocar a peça de tea-  
tro pela tua mulher, porém sem roupas...
- EDUARDO : (ASSUSTADO, POIS INTERPRETA OUTRA COISA) Quê... ?  
Minha mulher sem roupas...?
- RAUL : (RINDO) - (M. ROSA IDEM) Não, ela não... tu... há  
... há... há... Porém, sem as de trabalho... (RI-  
SO) - (TRANSIÇÃO) Estamos de acôrdo...?
- M. ROSA : Estamos...
- EDUARDO : (QUASE DESGOSTOSO) Estamos...



M. ROSA : Bom... Qual é o nosso quarto...? Mostra-me êle /  
por dentro ou por fora...?

EDUARDO : (RÁPIDO. ALTO) Por fora...

RAUL : (SERENO) Aquêle... (INDICA O DA ESQUERDA)

EDUARDO : E o meu...?

RAUL : Êste... (IDEM DIREITA) E aquêle outro (O DO MEIO/  
DA CENA) (PUNDOS) é o da tia... Ah, e muito cuida  
do, trata de não equivocar-te...

M. ROSA : Vindo "ao nosso"...?

RAUL : Não... Indo ao da tia... (RAUL E M. ROSA RIEM)

EDUARDO : (BURLA) há... há... há... (CAMPAINHA PORTA RUA)

OS TRÊS : A tia...!

FIM DO 1º ATO DE "ME EMPRESTA SUA MULHER...?"



II ATO - 1ª CENA

DECORAÇÃO : MESMA ANTERIOR.

AÇÃO : TRÊS DIAS APÓS.

RAUL : (AO SUBIR O PANO RAUL ESTARÁ ESCRREVENDO A MÁQUINA NA ESCRIVANINHA DO SEU ESCRITÓRIO. SOA TELEFONE E EDUARDO SAI DO QUARTO DA TIA COM ESPANADOR EMBALADO DO BRAÇO. FARDADO DE MUCAMO, A CRITÉRIO DIREÇÃO)... Atendes tu, Eduardo...?

EDUARDO : (COM MUITA RAIVA) Siimmmmm, estou indo, pa-trão... (MAUS MODOS) Alô... (P.PAUSA) Um momento... (DEIXA O FONE SOBRE MESINHA E CHEGANDO JUNTO DA ESCADA, MUITO CERIMONIOSO E AFETADO)... Senhor Raul... o seu "explorador", digo, o seu editor chama-o ao telefone...

RAUL : (DESCE E ATENDE. Eduardo senta na poltrona junto/ ao sofá. Ascende cigarro demonstrando muito nervosismo e aborrecimento) Alô... Sim, sim senhor Daniel... Estou tratando de concentrar-me o mais / possível, mas se o senhor soubesse o que me aconteceu, concordaria comigo que não estou para falar de amor nem com Miss Universo... (P.PAUSA) / Não... não são excusas. Acontece que chegou, quer dizer, ... Mal tinham saído, o senhor com a sua / esposa e Maria Elena, chegou uma tia minha e estou com um problema terrível... (P.PAUSA) Sim... tá / bom... O senhor tem razão... O senhor nada tem a ver com essas coisas... Acho que para amanhã é / tarde completarei mais um par de capítulos... (P.PAUSA) Até amanhã, senhor Daniel... (FINDURA. DURANTE A CONVERSÇÃO TERÁ SENTADO-SE E AGORA DEMONSTRARÁ GRANDE CANSAÇÃO)... Não aguento mais, Eduardo...

EDUARDO : Ah, tu não aguentas mais...? E que resta para mim então...?

RAUL : Faz três dias que não durmo, não descanso, não como, não...



- EDUARDO : (CORTA) Eu também não...
- RAUL : Porque tu não queres...
- EDUARDO : Claro, como para dormir estou... Bem se vê que / não é a tua mulher a que está dormindo com um ho- / mem...
- RAUL : Nem a tua...
- EDUARDO : Como que não, hem...? E tu que és...?
- RAUL : Eu sou um amigo... E para mim, mulher de amigo / meu é pedra...
- EDUARDO : Isso não diz nada... Na antiguidade, esfregando / duas mulheres de amigos, digo, duas pedras, produ- / ziam fogo...
- RAUL : Me ofendes... e também a Maria Rosa...
- EDUARDO : Era o que faltava... Tiras-me a mulher, e acima / de tudo, já-te por ofendido...
- RAUL : Não te direi coisa nenhuma... Tu trocou-me ela / por uma peça de teatro premiada... pre-mia-da...
- EDUARDO : Não troquei... emprestei, estamos...? E que fi- / que bem esclarecido: em-pres-tei... E sem prêmio!
- RAUL : E se estás de acôrdo, por quê não me deixas dor- / mir...? Que, tens medo que não seibamos comportar / -nos...? Temes que tenha compreendido que a pre- / miada é ela, e começo a procurar a tampinha do / carro...?
- EDUARDO : (CORTA) Basta... Tu estás ficando "muito engraça- / do" e não tolero brincadeiras dêsse estilo...
- RAUL : Do marido de tua mulher também não... há... há... / há...
- EDUARDO : Raul... Raul...
- RAUL : Não liguês... Quando durmo mal, estou sempre as- / sim...
- EDUARDO : Por quê não aproveitas para dormir agora que elas / não estão ?
- RAUL : Acho que será o melhor... (COMEÇA A CANTAR PARA / O QUARTO. PÁRA) Não, não pode ser... Vou...



- não sabem se comportar.
- EDUARDO : E isso que quer dizer...?
- RAUL : Quer dizer que ontem de manhã, quando despertei, / a cama estava vazia... Minha mulher, quer dizer, / tua mulher, não estava deitada a meu lado como / quando...
- EDUARDO : (CORTA) Ah, então confessas...? Então estiveram / deitados juntos...? Mas, não dissestes faz um mo- / mento que levas três dias sem dormir...?
- RAUL : (COM MUITO ESPORÇO PARA NÃO RESPONDER DESCORTES- / MENTE) Deitei-me às seis horas da madrugada, e às / seis e vinte acordei, tá...? Achas que é muito / tempo...?
- EDUARDO : Para estar deitado com a mulher de um amigo, sim / senhor, é demais até...
- RAUL : Noutras circunstâncias seria demais, reconheço-o, / porém, neste caso, faça-o como se fôsse com a mi- / nha própria mulher...
- EDUARDO : Aí é que está o perigo... Que meio dormindo esque- / ças que é a minha, e... a catástrofe...
- RAUL : Não aconteceria... Quero muito minha mulher...
- EDUARDO : Por isso... porque a queres...
- RAUL : Que charada é essa que estás fazendo...?
- EDUARDO : Charada nada... O que está complicando as coisas / és tú... Primeiro dizes que ao deitar-te fazes de / conta que é tua mulher... Depois, que queres mui- / to tua mulher...
- RAUL : Tá certo, e...?
- EDUARDO : E, que ali está o grave do assunto... Quando um / homem quer muito sua mulher, mesmo meio dormindo, / lará, lará, lará... tá?
- RAUL : Tá, porém, não tens porque preocupar-te, pois não / haverá, lará, lará, lará...
- EDUARDO : Acho que é bom... Assim espero... (P.PAUSA. TRAN- / SIÇÃO) Bom, podes ir dormir, que antes da / te acordo...



- RAUL : Não, não posso... é isto, quer dizer, não devo...
- EDUARDO : Por quê não...?
- RAUL : Pelo que já te expliquei... Não quero que aconteça o que aconteceu ontem de manhã, e depois, à noite...
- EDUARDO : Não vejo o crime que existe no fato de querer beijar minha mulher de manhã, e de noite querer dormir com ela... Acho que é o mais normal, moral e lógico, não...?
- RAUL : Sim, porém, não... No mínimo durante o tempo que ela seja minha mulher... Deverias ter um pouco de respeito... Na minha própria casa...
- EDUARDO : Mas, será que tu levou a personagem tão a sério / como para sentir ciúmes de mim...? Era o único que restava... Empréstou minha mulher ao meu melhor amigo...
- RAUL : (CORTA) Empréstou não, troca...
- EDUARDO : Bom, troca momentânea... Troco-a por uns dias e / me proíbe, quer dizer, quer me proibir que a beije, e que a olhe até...
- RAUL : Imaginas a minha posição frente à tia se ela os / descobrisse ?
- EDUARDO : Imaginas a minha posição vendo que a minha mulher vai dormir com um ex-namorado...?
- RAUL : Não é com Sie que vai dormir... É com um teu amigo...
- EDUARDO : É a casualidade quis que os dois sejam a mesma / pessoa...
- RAUL : Nunca antes havias demonstrado incomodar-te pelo / fato de ter sido namorado de Maria Rosa faz mais / de cinco anos...
- EDUARDO : Também nunca antes os havia visto fechar a porta / do "quarto nupcial", como marido e mulher...
- RAUL : Olha cá, Eduardo... Acho que o melhor que podemos fazer é, que te devolva a mulher, e tu que me devolvas os originais.



Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

EDUARDO : (CORTA) Não... Bom, também não é para que o tomes assim... Aliás, como explicarias a tua tia uma se paração assim, tão violenta...? E que diria ela, sendo que junto com a saída dela, o empregado...

RAUL : (CORRIGE) O mucamo...

EDUARDO : Mucamo e chofer, também vai...?

RAUL : Acho que quando elas voltarem, dirai tudo... Não suporto mais esta farsa... E que seja o que o dia bo quiser...

EDUARDO : Não, não serei eu o culpado da tua desgraça futura...

RAUL : Também isso não é verdade... Concorde que ela me deixará uma verdadeira fortuna, porém também é bem verdade que sou capaz de trabalhar e de viver do meu trabalho...

EDUARDO : Mas se segues escrevendo como o fazes estes dias, logo ficarás sem editor e será o fim da glória... (FARSA) E não quero que, por minha culpa, por minha grandíssima culpa, "mea culpa"... (COM ESSAS/PALAVRAS TERÁ BATIDO NO PEITO).

RAUL : (COMPREENDE E CORTA) O que tu não queres é perder a minha permissão para estrear a peça...

EDUARDO : (TROCANDO A CONVERSA, COMO SE NÃO TIVESSE OUVIDO/AS PALAVRAS DE RAUL - OLHANDO O RELÓGIO) Como demoram...! Terá lhes acontecido algo...?

RAUL : Isso é o menos provável... A minha preocupação maior é que alguém reconheça minha mulher, digo, a tua e se descubra tudo... Então sim, a "ceipira" volta para junto das vacas e o sacrifício de "boi" que tã estás fazendo, terá sido inútil...

EDUARDO : Sacrifício de quê...? É alguma alusão pessoal...?

RAUL : (AGORA É ELE QUEM FAZ COMO QUE NÃO OUVES) Via como se estão dando bem a tia e nossa esposa...?

EDUARDO : (CORTA) A minha, estarás querendo dizer...

RAUL : Porém, por enquanto, a minha...

D.MARIA : (ANTES DE APARECER DA RUA) Raul... Raul...





- lho...
- RAUL : (APAVORADO) São elas... Chegaram...
- EDUARDO : De acôrdo... Deixa-as entrar...
- RAUL : Pára com as tuas brincadeiras e volta ao trabalho... Vou abrir a porta... (VAI ATE A PORTA DA RUA E EDUARDO FICA OBSERVANDO. VOLTAM, RAUL CAMINHANDO DE RE E DONA MARIA QUERENDO ABRAÇA-LO).
- D. MARIA : Meu filho... sou a tia mais feliz do mundo... Vem, dá-me um abraço... Dá-me-o que bem o mereces... Não imaginas o formoso que foi para mim... Todos/êstes anos desejando algo assim, e agora, saindo/com tua mulher, chegou... (EDUARDO E M. ROSA OLHAM-SE COMO DOIS NAMORADOS, E AO OUVIR "TUA MULHER" SOBRESSALTAM-SE, PORÉM COMPREENDENDO FICAM/ ATENTOS AO DIALOGO). Ah, pícaro... Pícaros... e como escondiam o segredo... Mas, qual o motivo, / me pergunto...? É o mais natural, o mais normal...
- RAUL : Venha tia, venha (LEVA-A AO SOFÁ) Explique-me, / pois não compreendo nada...
- D. MARIA : (QUASE RESISTINDO VAI)... é o mais normal... em todos os casos acontece... (REAGINDO) Mas, como/ é isso...? A tua mulherzinha, ah, esse canto, não lhe ofereces assento? Eu sou mais velha, porém, / sobrinha... Ela, no entanto, representa um dueto, ou um trio, ou mais, ninguém pode saber... (OS / DOIS SE OLHAM SURPREENDIDOS, PRIMEIRO ENTRE ELLES/ E DEPOIS OS DOIS PARA MARIA ROSA, E NÃO DESEJANDO COMPREENDER).
- RAUL : Perdoa-me tia, mas lhe peço que esclareça o que / está dizendo pois estou em "jejum"...
- D. MARIA : O eterno... O que sempre acontece... O marido é o último a saber... (EDUARDO E RAUL OLHAM-SE).
- RAUL : Saber o quê...?
- D. MARIA : Insistes em querer que acredite que não sabes de/ nada...?
- RAUL : (COM MEDO DE SER DESCOBERTO NALGUMA MENTIRA) Absolutamente de nada... Dou-lhe a minha palavra...



D.MARIA : Vem minha filha, assim, ao meu lado, que estes ho-  
mens são uns tontos, ou bancam os tais... Fala, /  
diz para ele... mas, espera... (PARA EDUARDO) Você,  
pode retirar-se... Os seus donos têm que falar de  
algo muito importante e delicado... São coisas de  
"marido e mulher"... (VENDO QUE NÃO VAI) E... vai  
... ou não vai...? O que espera...? Disse, de "ma-  
rido e mulher"... coisas de Raul, do senhor Raul/  
e de sua mulherzinha, dêle... (OS TRÊS OLHAM-SE /  
COM RESIGNAÇÃO. RAUL INDICA PARA EDUARDO RETIRAR-  
SE. ESTE O FAZ, PORÉM FICA ESCUTANDO MEIO VISÍVEL  
JUNTO SAÍDA COZINHA) (ELA ACHANDO QUE JÁ FOI)...  
Antes de mais nada vou-lhes dizer, que não gosto/  
nada dêsse mucamo... Note-o estranho, não sei o /  
que é, porém não me inspira confiança... Por qual-  
quer coisa, não o deixes só com tua senhora. Eu  
sou mataca velha para estas coisas, e quando des-  
confio de alguém, dificilmente me equivoço... Por  
por minha parte, o vigiarei bem de perto...

RAUL : (PROCURANDO CONVENCÊ-LA) Não, não tem perigo...  
Conheço-o faz anos... O que acontece é que ele é  
assim, meio, êste, como vou dizer-lhe... meio abo-  
bado, esquisito, meio metido, porém, no fundo é /  
bom... (EDUARDO ACOMPANHA COM GESTOS A CRITÉRIO /  
DIREÇÃO, NO ENTANTO, M. ROSA SOPRE E TENTA REPRESEN-  
TAR RAUL, COM O OLHAR. PARA ELA) Tu não achas, que  
rida...? Como definirias tu a Eduardo...? (ÊSTE /  
FICA ATENTO E ELA DEMONSTRANDO NÃO ACHAR SAÍDA, /  
OLHA-O, OLHA RAUL, ATÉ QUE CONCLUI SIMULANDO DES-  
MAIO).

M. ROSA : Eh...? Eh...? Ahhhhh...!

D.MARIA : Tu viu...? Voltou... Coitada, bem que logo passa.  
.. Eh, mucamo, traga uns sais para a senhora...

EDUARDO : (CHEGA ASSUSTADO, APERTA-LHE A MÃO E BATE-LHE LE-  
VEMENTE NO ROSTO, ANTE OLHAR ATÔNITO DA TIA E A I-  
NOPERÂNCIA DE RAUL)... Maria Rosa...

D.MARIA : Como...? Que é isso de Maria Rosa...?

EDUARDO : (CORRIGE) Não, êste, digo, Maria, alguma coisa...?  
Que te acontece...? (ELA PISCA-LHE UM OLHO E SAI)



DEMONSTRA COMPREENDER)... Ah, sim... os sais...  
Não, melhor, um pouco de colônia... (MUTIS QUAR-/  
TO).

D.MARIA : Raul, ouviste...? Que é isso de ter tanta confian-  
ça com a tua mulher...?

RAUL : Não ligue tia... Eu já lhe disse... Ele é assim...  
porém, não é mau... É de tãda confiança... Maria  
Elena e eu conhecemo-o faz muitos anos, eu já di-  
se...

D.MARIA : Mesmo assim... Abre "os olhos"... Não confies de-  
mais nestes papagaios mortos... São os piores...  
(SUSPIRANDO) Ah, nos meus tempos...! Por coisa me-  
nor que essa, o meu marido teria feito pouco me-/  
noa que uma autópsia nêle, em pé e com só uma mão  
...

RAUL : São outros tempos, tia...

D.MARIA : A moral, a decência e a hombridade são sempre as/  
mesmas... Mas não é momento para isso, depois fa-  
lamos... Agora temos que auxiliar tua espôsa...

EDUARDO : (CHEGANDO)... A pimenta, digo, os sais, digo, a  
colônia...

D.MARIA : (MAUS MODOS) Dê-me... (QUASE BRUSCA)... Mescão a-  
terdoado... hum, vou te dar "Maria Rosa"... (BOTA  
COLÔNIA EM PEQUENO LENÇO QUE TIRARÁ DO BOLSÃO). Fi-  
lhinha, filhinha, reage, tá...? já passou... (NO-  
TANDO MELHORIA) Te sentes melhor...?

M.ROSA : (SENTA-SE) Sim, já passou... estou bem... Perdão,  
mas não pude evitar...

D.MARIA : Engraçado... Nem poderás nunca... Quer dizer, há/  
uma forma de evitá-lo... É fácil, porém não muito  
elegante em sociedade... Quando sentes êsses en-/  
jões, caso não tiveres uma cadeira por perto onde  
sentar-te, com a esbega para baixo, assim, quase/  
entre as pernas, senta-te no chão, assim, como os  
budas... (TUDO O QUE DIZ VAI FAZENDO).

RAUL : Depois de tudo isso, dá para saber o que Ma-  
ria Elena tem...?



- EDUARDO : Isso... que é que ela tem...?
- D.MARIA : Você fecha a boca e sai, já lhe disse... (RAUL INDICA COM GESTO DE CABEÇA PARA EDUARDO SAIR. ESTE FICA OUVINDO, MEIO ESCONDIDO, DE LONGE)... O que acontece... O que lhe está acontecendo, a tua mulherzinha, a coitada, a bonita, será mãe...
- EDUARDO : (ASSUSTADO) (DE FORO) Já...? (ACERCA-SE).
- RAUL : (QUASE JUNTO COM PALAVRAS DE EDUARDO) Não é meu...
- D.MARIA : (OLHANDO DE UM PARA OUTRO SEM COMPREENDER)... Que não é teu...? E de quem é então...? E o dizes assim, com essa tranquilidade, com esse rosto...? Não tens vergonha de ofender assim esta santa...?
- M.ROSA : Não tia, não me ofende... Sempre brincamos assim!
- D.MARIA : Veja só... Os matrimônios modernos... Nos meus / tempos, quando o homem se inteirava que iria ser / pai, o primeiro, o primeiríssimo que acontecia, e re que beijava sua mulher... (EDUARDO FAZ COMO PARA ACERCAR-SE PARA BEIJAR M.ROSA):... Ué, ué, ... onde que você vai...? Eu disse o pai e não o encarregado da limpeza... E faz o favor de retirar-se, que dêste jeito, terminarei pensando mal... A ver se resulta que, que...
- RAUL : Tia... também não é para exagerar tanto... O que / acontece é que nos apanhou de surpresa... Ninguém poderia pensar que em tão pouco tempo... assim...
- EDUARDO : Claro... porém um não podia e...
- D.MARIA : (CORTA AUTORITÁRIA)... Lógico que um só não podia ... Nem podia nem poderá jamais... E você não se / meta, Marechal do espanador... Eu me encarregarei de ensinar-lhe a marchar... Mais um par de dias e lhe ensinarei como deve tratar os patrões, especialmente "à espôsa do patrão"... Porque se a êle o tratamento assim, como porco de uma mesma porquê-ra... e se o verdadeiro marido não o faz respeitar sua mulher, a partir dêste momento, serei mãe dos dois, tia dos dois, e para você, mais do que o espôso da minha sobrinha... tá...? Aproxime-se / um pouco, assim, mais da conta e verá o que



tece. Onde se viu tanta confiança com a esposa / do patrão...! Lógico, vai saber onde se conhece- / ram...! Em que "boite" ou em que seresta o terá / recebido de presente... Pois este pateta, com es- / ta santa, pode fazer de conta que tirou a sorte / grande... Ele sempre foi um aloucado... Com as ma- / luquices que andou escrevendo, achava que chega- / ria a algo...

RAUL : Bom, mas agora triunfei, tia... Agora tenho um no- / me como escritor...

D.MARIA : Não interessa... Tudo isso passa... Estou certa / que agora, com uma mulher como a que tens, e com / o filho que está a caminho, começarás a pensar sè- / riamente... (A EDUARDO QUE TERÁ FICADO OLHANDO PA- / RA M.ROSA EMBELEZADO. ELA IDEM) E voê...? (ELE / ASSUSTA-SE)... Que tem que olhar assim para minha / nora-sobrinha... ou sobrinha-nora, que não sei / muito bem como se diz...?

RAUL : Simplesmente: sobrinha política, tia...

D.MARIA : Não, é pouco... pois eu já me sinto meio mãe, / meio...

EDUARDO : (CORTA) A senhora também...?

D.MARIA : Que insinua, insolente...? Vai para a cozinha, sar- / gento das panelas... (EDUARDO FICA OLHANDO-A COM / RAIVA. TIA SE LEVANTARÁ). (COM GEITO MILITAR) ... / Atenção... Sentido... Recruta... Em frente... Mar- / cha... um, dois, um, dois... (SEGUE-O MUTIS COZI- / NHA. M.ROSA E RAUL FICAM OBSERVANDO COM PESAR E / TROCAM OLHARES DE COMPREENSÃO. D.MARIA VOLTANDO) / ... Viram... Eu não falei para vocês que o "con- / sertava" logo...?

M.ROSA : Ele não é mau, tia... Tudo ao contrário, é bom de / mais, até... Eu quero-o muito...

D.MARIA : Como... Queres-o muito...?

RAUL : Sim tia... O queremos muito...

D.MARIA : Eu já não compreendo mais nada... Esta é uma casa / de malucos... Mas o meu amo êsse, aprendiz de cos-



tureira não me está agradando nada... E que vou / corrigir êle, vou, e vou mesmo... (PARA M.ROSA) / Vamos, minha filha será bom para ti deitar-te um pouco... Caminhamos demais e não é bom que "voeês" se cansem demais... (MUTIS AS DUAS QUARTO).

EDUARDO : (DE FORO) E...? Até quando devo suportar esta situação...?

RAUL : Pelo que vejo, até que chore o guri...

FIM - 1º QUADRO DO II ATO DE

"ME EMPRESTA SUA MULHER...?"

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ROBERTO MORA

DECORAÇÃO : A mesma anterior.

AÇÃO : Sete dias depois. De tarde. A tia estará fazendo/ croché, sentada no sofá.

D. MARIA : (FALANDO SOZINHA ENQUANTO FAZ CROCHÊ) Não é possí-  
vel... Ou meu sobrinho é tonto ou é "ciente"...  
Prefiro acreditar que seja o primeiro... Onde se  
viu...? Ele dorme como um tronco e a mulher...  
Bom, melhor não dizer as palavras que correspon-  
dem... Mas, beijar-se assim, descaradamente, na /  
metade dêste mesmo "chiqueiro"... pois já estou /  
considerando coisa de porcos e não de gente decen-  
te... O exemplo que estão dando à coitada da cria-  
tura que ainda está "viajando"... Depois não que-  
rem que exista tanto "desviado", que roubam car-  
ros, saem de madrugada fazendo barulho com os /  
"voks" último-modêlo, como se o diabo os empurras-  
se... Já o dizia eu: "não gosto dêsse mucamo..."  
"tem jeito de facínora"... "não sei o que vejo nê-  
la, porém tenho a impressão que não é boa pessoa."  
.. "É o "boi" do meu sobrinho: "Não tia, ele é as-  
sim, é um grande amigo... É como se fôsse da famí-  
lia..." Sim, tão da família que agora vamos ver /  
qual é o nome que darão à criatura... O que falta-  
va, que depois de ter assinado tanta novela como/  
"autor", termine virando apenas "editor responsá-  
vel", pois neste caso, "o novelista" não aparece/  
muito definido... P'ra mim que a idéia é dêle, po-  
rém a trama é de "algum colaborador", e não muito  
anônimo... Que nojo...! Ah, nos meus tempos não a-  
contecia nada disso, não. Os amigos, na cancha de  
bochas, mas dentro da própria casa, nem falar...  
O lar era tão sagrado, tão sagrado, que jamais se  
fazia nada assim, sob o teto familiar... Fora, e-  
ra outra coisa, mas dentro da casa, que esperança  
... E o finado bem que o sabia...! Jamais enodoei/  
nem o ar dos milheirais, e menos ainda o que se /  
respirava dentro da casa. O coitado do meu ve-  
lho jamais ficou sabendo nada de nada... Não entan-



to, êste "veado", digo, Raul, em qualquer momento vai achar-se com um problema terrível... (TRANS.) E se nesse momento se acorda com uma dor de barriga e se levanta para ir, bom, êste, quer ir "lá"...? (INDICA LEVEMENTE COM A CABEÇA EM DIREÇÃO DO WC). Melhor nem pensar... (FALANDO COM O TRABALH QUE JÁ TEM FORMA DE ALGO) Mas, você não será assim, verdade? Você tem que ser bem homenzinho, e nada de ter o sono tão pesado... Ou é mulher, será como a tia-avó, e não como a sua mãe, não é...? (QUASE CHORANDO) Coitada da criatura... que destino incerto e ruim lhe espera...! Se até estou / com vontade de escrever um tango...!

- RAUL : (CHEGANDO DA RUA)... Tia... está só...?
- D.MARIA : (PARA SI) Chegou o "manso"... (PARA ÊLE) Lógico... Com quem querias que estivesse...?
- RAUL : (SENTA EM POLTRONA JUNTO DO SOFÁ) E Maria Elena / saiu...?
- D.MARIA : Saiu... E faz mais de uma hora... Diz que não demoraria... Que iria não sei onde e voltava... Que antes de duas horas estaria de volta... Por quê..?
- RAUL : Não, por nada... E Eduardo...?
- D.MARIA : (COM INTENÇÃO) Também saiu... (FICA OLHANDO-O FIXO COMO PROCURANDO, DESCOBRIR ALGUMA COISA).
- RAUL : Ah, é verdade... Hoje é o dia que êle tem de folga...
- D.MARIA : E ficas assim tão tranquilo...?
- RAUL : Por quê teria que incomodar-me...? É natural... É humano... Aliás, é um amigo...
- D.MARIA : (IDEM ANTERIOR) É pelo que vejo, um "eficiente colaborador"...
- RAUL : (ASCENDENDO CIGARRO) Ah, isso é verdade... Notou...?
- D.MARIA : (SUSPIRANDO) Sim, notei... E bem que o notei...
- RAUL : Do jeito com que respondeu se diria que a senhora se sente aborrecida com a colaboração dêle.





- D.MARIA : Não, se tu gosta assim, que posso fazer... O único é que te imaginava mais esperto... mais "acordado"... com menos sono...
- RAUL : (ALEGRE E SONHADOR) Tia... tia... Que seria a vida, de nós todos, se não existissem os sonhos..!
- D.MARIA : (QUASE IMITANDO TOM DÉLE) Haveria menos "amigos / eficientes colaboradores"...
- RAUL : A vida sem sonhos seria monótona, menos brilhante, não teria atrativos... Seria algo vazio, sem adornos, sem enfeites...
- D.MARIA : (MUITA INTENÇÃO) E que adornos..! Que enfeites..! Porém, quem não usa chapéu, não os nota...
- RAUL : (ACHANDO GRAÇA NO DITO POR ELA - RI) há... há... há... E que tem a ver o chapéu com os enfeites...? Não vejo nenhuma relação...
- D.MARIA : Procura entre "as tuas relações", e verás se tem/ou não tem "relação"...
- RAUL : Pelo visto, a solidão, o croché, a próxima vinda/ do sobrinho-neto, a deixaram um pouco esquisita!
- D.MARIA : No entanto, noto que "tuas esquisitices" te aproximam à chegada de, bom, do, "do filho de tua mulher"...
- RAUL : (SEM DEMONSTRAR CONVICÇÃO) E meu...
- D.MARIA : (IMAGINANDO NOTAR ALGO) Não o dizes com muita convicção...
- RAUL : Que é que a senhora quer insinuar...?
- D.MARIA : Eu...? Nada... Eu não insinuo nada... Digo o que vejo, o que noto...
- RAUL : (DESCONFIADO) E... é possível saber o que é que a senhora vê, viu ou nota...?
- D.MARIA : Achas que uma tia velha pode "notar alguma coisa" num lar feliz, cheio de alegria, de felicidade, de adornos de toda classe, como o que lhe demonstra/ ter, o único sobrinho, o único parente...?
- RAUL : Vivo...



- D.MARIA : Não sei se é muito assim...
- RAUL : De acôrdo, mas, quẽ isso de "lhe demonstrar"...?  
A senhora acha que não tenho o que demonstro ter.  
..?
- D.MARIA : Ao contrário... Acho que tens "mais do que tu a-  
chas que tens..."
- RAUL : (TRANQUILIZADO) Ah... esta tia...! Por um momento/  
pareceu-me que duvidava da realidade do meu lar...
- D.MARIA : P'ra falar francamente... E vamos aproveitar que/  
estamos sós, te direi... Não duvido da "realidade  
do teu lar", como me acabas de dizer... Porém, no  
to algo raro...
- RAUL : (QUASE ASSUSTADO, CORTA) Alguma coisa rara...?  
Não entendo...
- D.MARIA : E para falar a verdade, eu também não compreendo/  
muito bem... Porém, sinto como que aqui falta ou  
"sobra" algo... alguma coisa... Sinto como se um  
cheiro raro estivesse dando voltas e mais voltas,  
até que ao fim, como garfos do diabo, ou melhor /  
ainda, como "duas pontas afiadas", dando voltas e  
voltas sôbre tua cabeça...
- RAUL : (RINDO) Há... há... há... tia, tia... Estamos no/  
século vinte, e isso é de estórias de terror, do  
ano noventa... Temi que se tratasse de alguma/  
coisa terrível de verdade...
- D.MARIA : E achas pouco terrível ter "duas pontas dançando/  
sôbre a cabeça"...?
- RAUL : (CONTINUA RINDO) Não ligue para isso, tia... Com  
um pouco de arruda, um colar de alho e meia dúzia  
de "espiriteiras" queimando incenso às noites de  
6<sup>as</sup>.feiras, essas "pontas" desaparecerão como por  
encanto... há... há... há... A senhora verá, tia.  
.. a senhora verá... (SEGUE RINDO AO SUBIR ESCADA)
- D.MARIA : (PARA SI) Ainda bem que não é "manso consciente".  
.. É dos que pertencem à legião dos "últimos a en-  
teirar-se"... (MUTIS QUARTO).
- M.ROSA : (ENTRA CANTANDO) Alô Raul... Eduardo ainda não che



- gou...?
- RAUL : (APARECE ASSUSTADO NA VARANDA TRATANDO DE INDICAR -LHE QUE A TIA ESTÁ NO QUARTO) Alô... sobe... (DIRÁ QUASE GAGUEJANDO)
- D.MARIA : (SAINDO QUANDO MARIA ROSA COMEÇA A SUBIR ESCADA.-- COM PALAVRAS À DETÉM) Não, não chegou... por quê? (TRATA-A FRIAMENTE).
- M.ROSA : (VENDO-SE DESCOBERTA, TRATANDO DE DISSIMULAR) Não, não, por nada. Quer dizer, para mandá-lo procurar um pouco de... de... incenso, Dizem que dá sorte/ quando se "aguardam novidades"... (SEGUE SUBINDO)
- D.MARIA : (PARA SI)... e alho, e arruda... como diz o "igno rante feliz"... "Novidades"... e que novidades... As duas pontas... Lástima que "neste pôquer, o co ringa seja o meu sobrinho"... (MUTIS QUARTO).
- RAUL : (QUASE SEGREDO) Escuta, Maria Rosa, acho que a tia está sabendo ou querendo saber algo... Vocês come teram algum êrro, as vêzes que sai...?
- M.ROSA : Acho que não, por quê...?
- RAUL : Ela não os terá visto falando "juntinhos", ou beijando-se, assim como dias atrás...?
- M.ROSA : Que eu saiba, não... Ontem à noite, quando sai do quarto, Eduardo estava aguardando-me no sofá, e / fazia mais de uma hora que a tia tinha desligado/ a luz do seu quarto... Ele disse-me que tinha ron cado até...
- RAUL : Não sei... Mas falou de uma maneira que, mesmo / tendo levado em brincadeira, cheguei a preocupar-me... No fim terminei rindo de verdade...
- M.ROSA : (TERÁ FICADO PENSANDO) Não tenho a menor idéia do que estará pensando... O único que posso dizer é que hoje de manhã notei-a um pouco diferente... Na verdade, hoje não me trata como o fêz durante/ a semana que passou...
- RAUL : (SUSPIRANDO) Não sei... Pode que somente sejam / coisas de velha, porém não gostaria que depois de tanto esforço, tudo fôsse para baixo, como alguns



- pela ladeira...
- M.ROSA : (SINGERA) Perde o cuidado, que por minha causa, / por nós, nada ficará estragado... Concordamos con- / tigo na representação desta farsa, e iremos até o / fim sem inconvenientes...
- RAUL : Obrigado Maria Rosa... Não esperava menos de você / e de Eduardo...
- M.ROSA : (RINDO) Mesmo que por momentos, êle não ache mui- / ta graça em tudo isto, reconheço que não deixa de / ser divertido...
- RAUL : É como ter dois maridos e usar um só...
- M.ROSA : Lógico... não pretenderás que use os dois (RI).
- RAUL : Não, quero muito Maria Elena, e no fundo, podes / ter a certeza que faço tudo isto para dar-lhe uma / segurança futura... Pois, não me engano; quem vi- / ve do que escreve, jamais sabe quando seus leito- / res deixarão de comprar o que publica... A qual- / quer momento aparece um louco demonstrando mais / louçura que o louco conhecido, e porque escreve / de boca para baixo, ou pendurado em uma árvore, ou / "parado com a cabeça", os que hoje nos aplaudem, / transferem, sem prévio aviso, os seus aplausos pa- / ra o palco do recém chegado... Tu sabes como é ig- / so... No teatro, no cinema, acontece o mesmo... / Com uma peça, um ator, uma dupla se consagra, e / com a próxima podem cavar-se a sepultura...
- M.ROSA : (PENSATIVA) É verdade... (REAGINDO) Porém, te dei- / xo, pois estás dramático demais... E falando niss- / so, como vai a novela...?
- RAUL : Hoje entreguei mais 10 capítulos... Não falhando / os meus cálculos, em mais um par de dias, estará / pronta...
- M.ROSA : Então, quando Maria Elena vier, poderás tomar u- / mas férias...
- RAUL : E vocês, quando a tia fôr embora, poderão começar / a ensaiar "o preço de uma mulher"...
- M.ROSA : Não estarás insinuando que trocaste o título...?



- Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025
- RAUL : Ou que não mais será aquela... O estabelecido era que nos darias a permissão para representar / "DOIS AMORES E UM BEBÊ"...
- M.ROSA : (FALSA ESTRANHEZA) Essa prometí...? Que casualidade, parece a tua biografia...
- RAUL : Minha biografia...?
- RAUL : Claro... Eduardo e eu... e "tua espera"... (AMBOS RIEM) Não te assustes... A peça será para vocês... Porém estarás de acordo comigo que bem poderia / chamar-se "O PREÇO DE UMA MULHER"... Não é esse o que estou pagando por tí...?
- M.ROSA : Não... É o preço que estás pagando pela fortuna / de tua tia...
- RAUL : (SORRINDO AMBOS) Em essência, acho que tens razão ... E que preço...
- M.ROSA : Bom, vou embora, pois tenho uma vontade tremenda / de tomar um bom banho... (AO MUTIS) Ah, e o do bebê, é mentira... (RI).
- RAUL : (ESTRANHANDO) Mentira... E por quê...?
- M.ROSA : E... as vezes é bom... Especialmente quando nos / fazem perguntas difíceis de serem respondidas...
- RAUL : (RINDO) Mereces meu aplauso e minhas melhores felicitações... (BATE PALMAS).
- D.MARIA : (SAI DO QUARTO AO OUVIR PALMAS. VENDO QUE M. ROSA DESCE QUASE CORRENDO) Eh... que fazes...? Cuidado com meu sobrinho-neto. (RECEBE-A QUASE NOS BRACOS AO PÉ DA ESCADA).
- M.ROSA : Não se preocupe, tia Maria... Ele tem que acostumar-se, pois tenciono inscrevê-lo para os Jogos Olímpicos... (BEIJO NA FACE, MUTIS QUARTO MATRIMÔNIO).
- D.MARIA : (PARA SI) Que simpática e que senvergonha... Bom ... (OLHANDO PARA CIMA PARA ONDE RAUL ESTÁ LENDO) ... e se o culpado fôsse o outro...? O mtcamo...? Sim, com tãda certeza a culpa é do outro... Aliás, sempre é assim... A culpa é do homem. Interpretam



erradamente nossos olhares, nossas carícias, nos-  
sos beijos e finalizam forçando-nos a fazer, bem,  
isso... Fazem conosco, coitadas de nós as mulhe-  
res, o que não deveriam fazer... E na própria ca-  
sa dela, sob o mesmo teto onde "os ignorantes",  
os "últimos a enteirar-se", passam o tempo todo /  
botando dedo na máquina de escrever... (TRANS.)  
Sim, eu devo acertar isto... Não posso permitir /  
que, um por não sentir "cheiro de osso queimado",  
e a outra porque, bom, vai saber porque, se trans-  
formem em instrumento de uma trama sinistra, dia-  
bólica, infernal... O único que, em vez de incen-  
so, alho e arruda, eu usarei um método mais criou-  
lo, porém que nestes casos, é mais eficaz... Pau-  
crioulo a torto e a direito, e se terminam os "bo-  
nitões de meia-noite"... (A ELE) Raul... (AMABILI-  
DADE FALSA) Queres descer um momentinho, por fa-  
vor...?

RAUL

: Sim tia, já vou... (ENQUANTO ELE DESCE ELA SE A-  
PRONTA COMO SE FOSSE DIZER UM DISCURSO OU ALGO /  
MUITO IMPORTANTE).

D.MARIA

: Senta-te... temos que falar sèriamente. (ELE O /  
FAZ COM DESCONFIANÇA DO QUE OUVIRÁ).

RAUL

: A senhora dirá, tia...

D.MARIA

: Raul, pela vossa felicidade... Pela honra do teu/  
filho, pela alegria do vosso amanhã, pela tranqui-  
lidade que levará ao túmulo quando me carreguem /  
"com os pés para frente...", pelos momentos feli-  
zes que vocês dois hoje, depois três ou quatro, ou  
meia dúzia, isso nunca se sabe, pois depende dos/  
que a cegonha queira carregar...

RAUL

: Quê, tia...?

D.MARIA

: Manda o mucamo embora...

RAUL

: (QUASE ASSUSTADO) Quê...?

D.MARIA

: (QUASE MATERNAL SENTA JUNTO DO SOBRINHO) Sim, Ra-  
ul, manda êle embora... Ao fim, tem tantos que /  
querem fazer o mesmo que êle...!



RAUL : Porém, nenhum fará as coisas como êle as faz...

D.MARIA : Ainda bem...

RAUL : Quê quer dizer...?

D.MARIA : Que lhe pagues o que seja, e em todo caso, lhe entregues "dupla indenização", duplo décimo terceiro salário, duplo prévio aviso, duplas férias, tudo em dobro, mas que "dobre" as coisas que êle / tem aqui, e que vá "pastar bois" noutra fazenda...

RAUL : Quer que diga para Eduardo ir-se...? Que o deixe / na rua como um qualquer...? Mas, se êle não me / fêz nada...!

D.MARIA : Para ti, claro que não... engraçado...

RAUL : E então, para quem...? Aliás, êle tem tôda a mi- / nha confiança...

D.MARIA : Sim, eu vi... É teu amigo... No entanto, dá a ca- / sualidade que geralmente é assim... É o melhor a- / migo...

RAUL : Quê...?

D.MARIA : ... o que pior impressão causa à sogra... E neste / momento, estou comportando-me como uma sogra, sei / ... Porém, quando passe o tempo tu me darás ra- / zão...

RAUL : Aoaso faltou-lhe com o respeito...?

D.MARIA : A mim...? Tu estás louco...! O único que faltava / na minha idade...

RAUL : Claro... Com uns vestidos um pouco mais modernos, / com um penteado mais estilizado... é, quer dizer, / um pouco mais de acôrdo com a moda atual, ainda...

D.MARIA : (GOSTANDO MAIS AINDA)... Chega... chega... Para / com essas mentiras que tenho espelho e sei dife- / renciar entre uma mancha de fuligem de panela e / 20 rugas que não desaparecem nem com cirurgia "es- / tilística"... É assim que se diz...?

RAUL : (RINDO) Não tia, cirurgia estética ou melhor, plás- / tica, mas não tem importância... eu compreendi...

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



D.MARIA : (Melhor)... (NOVAMENTE SÉRIA)... E vamos ver se /  
compreendes sem que seja necessário que eu fale...  
Despede hoje mesmo, já, agora, esse monstro que /  
tens por empregado...

RAUL : (QUASE VENCIDO, COMO SE ESTIVESSE PARA CONTAR TU-  
DO) Não posso tia, não posso...

D.MARIA : Não queres fazer, hem...?

RAUL : Quase isso mesmo... Sim, não quero despedi-lo...

D.MARIA : (RESOLUTA) Perfeitamente... Não temos mais nada /  
para falar... Em vista que o "homem" da casa não  
sabe ser HOMEM com maiúsculas, eu acertarei as /  
coisas como "a lei manda"...

RAUL : Quê vai fazer...?

D.MARIA : Agora isso é comigo... Pedi-te, quase roguei...  
O único que faltou foi que me ajoelhasse, e não  
quises-te fazê-lo...?

RAUL : Tia, compreenda... Também não é como a senhora /  
diz... O que acontece é que não vejo motivo...

D.MARIA : É inútil... O eterno... Nunca vêm nada... Igual,  
igualeinho ao finado, que em paz descansa...

RAUL : Para pior, a senhora diz as coisas como se não /  
quisesse que as compreenda...

D.MARIA : Rapaz, eu quero que entendas, porém não posso di-  
zê-lo com as palavras que correspondem...

RAUL : Se estou cego, se descobriu alguma coisa, alguma/  
infidelidade de Eduardo, peço-lhe que me abra os  
olhos...

D.MARIA : As pontas voadoras, Raul... as múúú... (FAZ QUASE  
COMO AS VAÇAS).

RAUL : As quê...?

D.MARIA : As múúú... Iheres sempre temos um sexto sentido...  
A curiosidade...

RAUL : Acaso viu, notou algo...?

D.MARIA : (COM RESOLUÇÃO) Sim, Raul... Eduardo, o mucamo, o  
teu amigo...





- EDUARDO : (ENTRANDO) Chamavam-me...? As suas ordens... Mesmo sendo hoje meu dia livre, estando aqui, podem dispor de mim...
- D.MARIA : Se chegou a tempo... Agora mesmo felávamos de você...
- EDUARDO : Sublime elogio que ouvem meus ouvidos, e que acho não merecer...
- D.MARIA : Prepare-se para ouvir outras coisas que com toda segurança lhe "sublimarão" muito menos essas oré-lhas de vaupiro que tem...
- RAUL : (CORTE) Tia, por favor...
- D.MARIA : Tu fecha a boca...
- EDUARDO : Senhora... acho que não mereço...
- D.MARIA : E você também, quando uma burra rebuena, os sacacões ficam quietos...
- RAUL : Tia, acho que a senhora...
- D.MARIA : Tu não achas nada... (QUASE CHORANDO) O que acontece é que eu tenho uma coisa aqui, e aqui... (DIZ INDICANDO GARGANTA E CORAÇÃO)... e se não "a lanço do bucho", "arrebento"... Este senvergonha... (AVANÇA CONTRA EDUARDO COMO PARA ARRANHÁ-LO, E PERSEGUE-O EM CÍRCULO QUASE AOS GRITOS)... Este senvergonha, que não ganha nem o que come... Este "lobisomen de fantasia"... (SEGUE E TRANSIÇÃO)... Mas, não corra tanto, ou está com medo...? (RAUL TRATARÁ DE IMPEDIR PERSEGUIÇÃO E SEMPRE SERÁ EMPURRADO PELA TIA, ATÉ QUE APARECE M.ROSA)...
- M.ROSA : Que passe...? Raul...! Tia...!
- D.MARIA : Tu vai para o quarto, que esta é questão de homens por agora...
- M.ROSA : Quê é quê...? Eh...? Ah... ah... (CAI DESMAIADA SOBRE SOFÁ).
- D.MARIA : (NOTANDO DESMAIO. AOS HOMENS) Não tem pressa... / depois continuamos... (À MARIA ROSA) Eh, minha filha... outra vez...? (À PARTE) Quem será o culpado...? (A ELAS) E vocês, que estão aí,



como duas corujas ao meio-dia...? Tragam a colô-  
nia, todos são iguais, ao chegar os problemas...  
(CAMPAINHA PORTA. EDUARDO VAI ATENDER. AO VER MA-  
RIA ELENA DE VOLTA, ASSUSTADO CAMINHA DE RE).

- RAUL : (SEM SABER O QUE DIZER, GAGUEJANDO) Ele... Ma...  
Ma... Maria Elena...! (FALA BAIXO PARA TIA NÃO EN-  
TENDER).
- EDUARDO : Maria Elena...!(IDEM)
- M.ROSA : (REAGE DO DESMAIO FICTÍCIO) Maria Elena...!(IDEM)
- D.MARIA : (SEGUINDO AÇÃO SEM DIZER PALAVRAS, VENDO PERTUR-  
BAÇÃO GERAL) E esta, quem é...?
- RAUL : Este... Esta...? É... é... (NÃO SABENDO O QUE DI-  
ZER, TODOS OLHAM-SE ATÉ QUE POR FIM)... Tia, vou  
apresentar-lhe Maria Rosa, a... a esposa de Edu-  
ardo...

FIM DO 2º QUADRO DO II ATO DE

" ME EMPRESTA SUA MULHER...? "

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



III ATO

- DECORAÇÃO : A MESMA ANTERIOR.
- AÇÃO : DIA SEGUINTE. SÃO QUATRO HORAS DA MADRUGADA.
- D.MARIA : (SAI DO QUARTO COM CAMISA DE DORMIR E CHAPEU IDEM) (LIGA LUZ HALL. VAI ATÉ PORTA QUARTO RAUL E FICA ESCUTANDO; IDEM QUARTO EDUARDO. GESTO DE DESAGRA-DO EM AMBOS OS CASOS). Pelo que vejo, ainda não chegaram... Ontem aconteceu o mesmo... A tarde / veio a mulher de Eduardo, o que achei uma boa so-lução... Especialmente para ele... (TRANSIÇÃO)... Mas, terá se visto peito maior...! Por algum moti-vo achava-o meio repugnante, êsse "mucuminho de o-casião"... No entanto, não deixarei de vigiá-lo , pois se é capaz de "driblar" um marido, pode que queira fazer o mesmo com a própria mulher... Eu conheço muito bem êstes "Casanovas modernos"... Muito há... há... há... muita amabilidade e deli-cadeza ao falar, porém, quando podem chutar um pe-nalty, parecem Pelé... Não erram um... (IMPORTAN-TE) O que não sabe, o muito esperto, é que esta / que vos fala, vale por tãda uma defesa, juiz, juí-zes de linha e até massagista, se fôr necessário.. E que êste está "marcado", está mesmo... Se as equipes pequenas encheu de gois, esta "seleção ve-terana" não ganha nem com dopping... (MUTIS LATE-RAL ESQUERDA) (WC).
- M.ELENA : (VOLTANDO OS QUATRO DE FESTA)... Pelo que vejo, a tia têm medo dos gatunos... foi dormir e deixou a luz acesa...
- RAUL : Coitada... com os nervos que está passando pelo / que imagina, é lógico que se esqueça até de desli-gar as luzes...
- M.ROSA : (SENTANDO-SE EM POLTRONA) Ai... que horrível dor/nos pés... Êstes sapatos apertam uma barbaridade.. Acho que meu marido terá que comprar-me um par nôvo...
- M.ELENA : Qual dêles...? (BRINCANDO ALEGRE).



- EDUARDO : Ôpa, ôpa... não brinques com a verdade...
- M.ELENA : Não tem perigo... Estou certa que Raul não me trocária por ninguém... Verdade querido...?
- M.ROSA : Por quel dêles o dizes...? (TODOS FESTEJAM E RIEM)
- RAUL : Que acham se antes de "ir cada um com o alheio", bebemos um cálice de conhaque...?
- EDUARDO : E não será perigoso...?
- M.ELENA : Tens medo de não saber controlar-te...?
- EDUARDO : Não, não é por mim...
- RAUL : Por quem, então...? Não dirás que é por mim...
- M.ROSA : Nem por mim...
- EDUARDO : Digo por todos e por ninguém... O que acontece é/que, bom, vocês me compreendem...
- OS TRÊS : (JUNTOS) Não... (RIEM. EDUARDO POR FIM IDEM).
- RAUL : (QUE JA TERÁ COPOS SERVIDOS E TERÁ ENTREGUE-OS A CADA UM)... Bom, brindemos pelo regresso de minha esposa, e que por agora não é minha mulher...
- M.ELENA : E eu brindo pelo amor, que é capaz de chegar até/ o sacrifício de ver o ser amado no quarto com outra... (TODOS RIEM).
- M.ROSA : No entanto, como indenização, a "sacrificada" vai dormir com o marido da amiga usurpadora...
- EDUARDO : Porém, eu me comporto bem... (DIZ RÁPIDO).
- RAUL : Ninguém duvida... Bom seria que não o fizesses...! Ou esqueces que também eu poderia me cobrar com a mesma moeda...?
- EDUARDO : (QUE NÃO ACHA GRAÇA NAS PALAVRAS DE RAUL)... Não, não esqueço... E espero que tu também o lembres...
- RAUL : Que é que tu tens...? Fizeram mal as saídas de ontem e de hoje...? Note algo raro em tí...
- EDUARDO : Não, não é nada... Na realidade que não gosto da maneira como me olha a tia...
- RAUL : (ASSUSTADO) A tia...? Onde está...? Não vais dizer-me que está acordada e nos está escutando...

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- (VAI RÁPIDO ATÉ PORTA QUARTO. ESCUTA. OLHA PARA CORREDOR -- AMBOS LADOS -- E VOLTA TRANQUILO) Não, pelo visto, está no oitavo ou no décimo sono...
- EDUARDO : (TODOS SUSPIRAM ALIVIADOS) Menos mal...! Mesmo / que não me referia a que nos estivesse observando agora...
- RAUL : Tu também, não te explicas... Falas com meias palavras...
- EDUARDO : O problema é durante o dia, nas comidas, ao limpar... Se vou à cozinha, ela vem atrás... Se saio, fica a olhar-me... Ao voltar, está aguardando minha vinda, para novamente ver para onde vou...
- M.ELENA : E... não estará apaixonada por ti...?
- RAUL : (RINDO FRENTE CARA ESTRANHA DE EDUARDO) Não, não temas, que já lhe perguntei isso mesmo e me respondeu que não... (TODOS RIEM).
- M.ROSA : Bom... LEVANTA-SE COM SAPATOS NA MÃO)... vou deixar-me... (SE ACERCA DE EDUARDO PARA DAR-LHE UM/BEIJO NA FACE. BOCEJANDO) Até amanhã, meu amor... (NOVO BEIJO).
- M.ELENA : Pelo visto chegou a hora da despedida...
- RAUL : (RESIGNADO) Pelo visto... (BEIJAM-SE)
- D.MARIA : (VOLTA, APENAS ASSOMANDO, OS VÊ. FICA HORRORIZADA) Mas isto que é, a França...? (OS QUATRO SEPARAM-SE, POREM SEM NOTAR TIA, E FICAM OLHANDO-SE/MUITO ENAMORADOS). (TIA MUTIS).
- RAUL : (DOCEMENTE) Até amanhã, minha vida...
- M.ELENA : Até amanhã, Raul...
- M.ROSA : (QUASE PÍCARA, PARA EDUARDO)... Dorme, hem...?
- EDUARDO : E tu também... (OS QUATRO PARA NÃO DEIXAR DE VER-SE ATÉ ÚLTIMO MOMENTO CAMINHAM DE RÉ RUMO AOS/QUARTOS. RAUL COM M.ROSA E EDUARDO COM M.ELENA -- QUANDO OS CASAIS TROCADOS QUASE CHEGARAM)... Não, um momento... Hoje não... (CHEGA LIGEIRO JUNTO / DE M.ROSA E PEGANDO-A PELA MÃO, ANTES DE ENTRAR/NO QUARTO QUE DEVERIA SER PARA RAUL) Em todo ca-



so, mais tarde, devolvo-te-a, mas agora, te empresto o quarto, deixo-te com tua esposa, mas, / devolve-me minha mulher...

- RAUL : Eduardo, estás louco...!
- EDUARDO : Não o sei... amanhã o averiguarei... E não te espavores que a levo só emprestada... (FECHA PORTA)
- RAUL : (FICA OLHANDO PARA PORTA FECHADA. OLHA PARA M.E-LENA E SE BEIJAM. TAMBÉM TOMADOS PELAS MÃOS, EN-TRAM NO OUTRO QUARTO).
- D.MARIA : (APARECENDO MUITO HORRORIZADA) Isto é o único, o único que faltava ver... Se não visse, não acreditaria... (TRANS.) Então quer dizer que não só Raul é "ciente", o outro também... É pelo que vejo, elas são iguais a êles... Mas, quê, se sentirão os modernos Três Mosqueteiros...? Todos para um e todos para tôdas...? E eu que estava tricotando casaquinhos e carpins para êsse coitado filho dos quatro... Ah, não... Eu chamo a polícia, o juiz, o padre, o exército, os bombeiros, a ambulância... (TRANS.IDÉIA)... isso, o que vai fazer falta aqui será uma ambulância, com capacidade para quatro pessoas, não, digo, quatro pessoas...? Quatro "porcográficos"... não, assim não se diz, mas não importa... a intenção também serve... eu me compreendo... (PAUSA. DÚVIDA), o que não sei é como se faz para usar êsse bicho prêto... (DIZ REFERINDO-SE AO APARELHO TELEFÔNICO. PEGA-O E OLHA-O. LEVA-O À ORELHA E AO OUVIR "SINAL" ASSUSTA-SE E O PINDURA) Eh...? Isto deve andar / mal... Algum carro se deve ter atravessado nos / fios, pois faz... (REPETE SINAL DO TELEFONE - RE-AGE) Ah, claro, quando êles querem falar com alguma pessoa, sem ver-lhe a cara, para que não se note que estão mentindo, olham neste livro (DIZ / SOBRE O GUIA) e depois com o dedo nos "buracos" / marcam os números que desejam e ficam esperando / (PEGA LISTA)... Vamos ver, aha... 08, êste número deve ser... Hospital Oficial... (DISCA) Eh, / ah, muito obrigado... (OLHA RELÓGIO) ... tem re



Zão... porém eu quero que enviem uma ambulância/  
com capacidade para quatro cadáveres... bom, po-  
de que alguém fique vivo, no entanto, seria bom,  
por qualquer coisa... e apronte quatro "caixões"  
... (PAUSA. ESCUTA) Bom, chega... chega de dizer  
a hora... já sei que horas são, lhe agradeço, tá  
...? E não fique aí, falando como papagaio e fa-  
ça algo... (PP) Não me ouviu...? Não compreende/  
português...? (PP) Nesta cidade estão todos lou-  
cos... Mas, de qualquer jeito, eu farei o que se  
deve fazer... (DESLIGA. LEVANTA NOVAMENTE) Ouça,  
môça, mesmo que tudo o que me informou sobre a /  
hora, não me tenha servido para nada, muito obri-  
gada e desculpe o incômodo. (DESLIGA. PARA SI) /  
Mas, na Lista não dizia H.Oficial...? Bom, Hospi-  
tal Oficial... Claro, com a hora que é, a coita-  
dinha já deve estar meio dormindo e não sabe o /  
que diz... (OLHA PARA AMBAS PORTAS AO OUVIR RI-  
SOS DE AMBAS) Ajjj que asco... Sob o teto do lar  
e sob os "olhos" dos "dois mansos"... as duas /  
"mansas", portando-se como duas... (NOTANDO O /  
QUE IA DIZER)... Melhor não dizer... (TRANS.FE-  
RÓICA) Ah, mas isto não ficará assim sujo... No  
mínimo evitarei que essa coitada criatura, infe-  
liz, desamparada, órfã antes de nascer, sofra a  
vergonha da desonra... Antes morto do que deson-  
rado... (MUTIS QUARTO E VOLTA COM PALA DE PELEIA  
E FACÃO)... No fim poderei usar o que o finado /  
deixou de usar... (ALTO)... Vamos ver, onde es-  
tão os homens da casa...? Eh, vocês, imorais, /  
"cientos"... saiam que lavarei a lama que estão/  
botando sobre o nome dos seus antepassados e "de  
poispassados", ou como se diga... (AS DUAS POR-  
TAS SE ABREM E APARECEM EDUARDO E RAUL. AO VER A  
TIA, AMEOS FECHAM. ABREM E APARECEM M.ELENA E M.  
ROSA. IDEM)... Claro, se voltem ao covil, como /  
ratos assustados... Desavergonhados... todos, vo-  
cês e elas... Mínimo poderiam ter tido a delicia-  
deza de irem para um hotel ou para um bosque so-  
litário... Porcos, e na própria casa... (PAUSA).



E, saem ou não saem...? Saíam, que aqui está a justiça, sem balança, porém justiça, para cobrar-lhes o crime que vão saber quanto tempo faz estão cometendo... Não, se não foi sem motivo, a minha pergunta de "quem era o responsável pelo / desmaio da rapôsa nº 1..." E farei justiça, porque o que estão fazendo tem um nome... Vocês já / não são bigamos, são "trígamos", não, mais ainda ... vocês são "quatrígamos", pois os quatro es- / tão perfeitamente ao par do que acontece "na ca- / sa do vizinho..."

RAUL : (ABRE APENAS A PORTA E APARECE AMARRADO NA BONTA DE UM GUARDA-CHUVA, UM LENÇO BRANCO, EM SINAL DE PAZ) ... Tia, peço trégua, para esclarecer tudo!

D.MARIA : Uma quê...? Uma égua...? É para que tu queres uma égua...? Não, isso é demais...

RAUL : Não tia, uma égua, não, uma trégua... Quero ga- / rantias para poder falar com a senhora...

D.MARIA : Ah, assustei-me... Achava que agora queriam uma / égua... (TRANS.) Falar, comigo, e sobre quê...?

RAUL : Sobre tudo isto, tia... Quando lhe explique tudo detalhadamente, verá que se aclara o que agora a senhora crê escuro, estranho...

D.MARIA : E tens coragem de dizer-me que sou eu quem vê as coisas que não existem...? Ou pretendes fazer-me acreditar que o que eu vi, com estes olhos, e o / que notei já faz dias, entre tua mulher e "teu a / migo", eram coisas que não eram...?

RAUL : Não tia, nada disso... A senhora viu bem... Po- / rém, lhe explicarei... Peço-lhe uns minutos de / paciência, e depois de ouvir o que temos a expli- / car-lhe, a senhora poderá agir como ache mais / conveniente... total, a justiça feita antes ou / depois, sempre é justiça... A senhora não acha ?

D.MARIA : Falas lindo, hem...? Com toda certeza foste tu / quem convenceu estes outros três "descarados" a fazerem o que estão fazendo...





- RAUL : Nada fizemos, tia... (PP) Dá para sair...? Podemos sair...?
- D.MARIA : (OLHA PARA AS DUAS PORTAS. PENSA. SENTA NO SOFÁ/ E:) Bom, saiam todos, porém com as mãos sôbre as cabeças... E nada de trapações, tá...?
- RAUL : Estamos, tia... (SAI SEGUIDO POR MARIA ELENA, I-DEM EDUARDO E M.ROSA).
- D.MARIA : (NOTANDO QUE ESTÁ EM POSIÇÃO INCÔMODA, LEVANTA-/ SE E SENTA EM POLTRONA QUE TERÁ MOVIDO, FICANDO / MEIO DE PERFIL PÚBLICO, E COM PONTA DO FACÃO, SEM PALAVRAS, LHES INDICA QUE SE COLOQUEM NA LATERAL DIREITA, QUASE FRENTE PÚBLICO). Assim os verei / melhor... Tem a palavra o representante "das me-ias-luas"...
- RAUL : (QUER AVANÇAR UM POUCO POREM ELA O AMEAÇA COM AR MA)... Resulta, tia, que eu me casei...
- D.MARIA : Isso estou sabendo...
- M.ELENA : Porém, comigo...
- D.MARIA : Você se cala a bô... Eh, como...? E então que fa- zia êste "porco" no quarto desta outra; todos ês- tes dias anteriores a tua chegada...?
- M.ROSA : Eu posso dizer-lhe, dona Maria...
- D.MARIA : Você está caçada, não pode...
- RAUL : Acontece, tia, que como durante a viagem de lua/ de mel, que se prolongou mais do que estava pre- visto...
- D.MARIA : Tu sempre gostou de coisas doces, em especial do mel...
- RAUL : Lembra-se, tia, quando subia nas árvores, na pro- cura dos panais das vespas...?
- D.MARIA : Não troques a conversa... Por quê enganavas tua mulher com esta outra...?
- EDUARDO : Não, êle não a enganava...
- D.MARIA : Você também tem a palavra proibida... A você te- nho aqui (INDICA ENTRE OLHOS), desde o dia da mi- nha chegada... (A RAUL)... Agora, diz uma coisa,



- como é todo êste negócio se não é como parece...? Pois, de acôrdo com as cartas e os telegramas / que tu enviou, casaste com Maria Elena... Chego/ aqui e me apresentas Maria Elena, te deitas com Maria Elena tôdas as noites, menos, claro, nos / momentos que ela "se desvelava", e saía à "bei-/ jar-se" com êsse... com "o amigo mais fiel..."
- M.ELENA : Porém, Maria Elena sou eu... tia...
- D.MARIA : Tã...? E esta quem é...?
- RAUL : Maria Rosa...
- D.MARIA : Maria Rosa...? E qual o motivo para teres-me a-/ presentado-a como Maria Elena...?
- RAUL : Pois, poucos momentos depois de ter saído Maria/ Elena...
- D.MARIA : Qual delas...?
- RAUL : Como qual delas...? A verdadeira... minha mulher ... esta...
- D.MARIA : Ah, bom... (REAGINDO) Como...? Que viagem...?
- RAUL : Espere, que eu explico... (DURANTE TODO O TEMPO, CADA VEZ QUE UM DELES TENTA BAIXAR OS BRAÇOS, DE VE LEVANTA-LOS, POIS A TIA AMEAÇA COM FACÃO)... porém, antes tia, não daria para abaixar-mos os braços...?
- D.MARIA : Vão se portar bem...?
- TODOS : (O MESMO QUE CRIANÇAS NA ESCOLA) Siii, senhorita ...
- D.MARIA : Se é para comportar-se como gente gente, podem / fazê-lo... (TODOS FAZEM E SUSPIRAM) Mas, nada de esquecer que estou presente e com isto, estamos? Continua, defensor de pobres e "cientes", digo, / de pobres e ausentes...
- RAUL : Como estava estressado no meu trabalho, o meu edi- tor exigia-me...
- D.MARIA : Teu quê...?
- RAUL : Meu editor... O que compra as novelas vo... O que se encarrega de vendê-las.




- D.MARIA : Ah, está bem...
- RAUL : Como estava atrasado, aproveitou que o médico da esposa lhe indicou um descanso na praia de mar, e me pediu Maria Elena emprestada...
- D.MARIA : Como...? O que te faz as novelas, digo, o que vende as novelas que tu faz, te pediu tua mulher emprestada...?
- RAUL : Sim... isso mesmo...
- D.MARIA : E a emprestaste a êle...?
- RAUL : Bom, viria a ser como se a emprestasse à êle, porém não era para êle...
- D.MARIA : Êle a pediu emprestada para um outro, ainda...?
- RAUL : Sim, porém, não... A emprestei para a mulher dêle... E as duas foram à praia...
- D.MARIA : E o outro...?
- RAUL : Quê outro...?
- D.MARIA : Esse que tu falou... O que a pediu ao que te pediu emprestada...? Não é assim que tu falou...?
- RAUL : Não, pois quem me pediu é o espôso da que a levou à praia...
- D.MARIA : E para que necessitava ir à praia com uma mulher desconhecida, sendo que já tinha ido contigo à praia, às serras, ao campo, ao cinema, ao parque e vai saber à quantos lugares mais...?
- RAUL : (QUASE MODESTO) Para que eu pudesse trabalhar, tia...
- D.MARIA : Ah, agora compreendo... Quer dizer que a vítima é esta...?(DIZ PARA MARIA ELENA).
- RAUL : Por quê...?
- D.MARIA : Pois a coitadinha se sacrifica indo passear na praia para tu poder trabalhar e tu, pelo que vi, fizeste um bom trabalho... E que trabalho... com esta "porca", lá, no quarto, quando o "lobo com pele de cordeiro" te deixava... Quer dizer, êle seguia trabalhando quando tu não trabalhavas...



- RAUL : Não é verdade, tia... Eu não fazia nada com Maria Rosa no quarto...
- D.MARIA : Ah, não...? E para que se fechavam então...? Para explicar-lhe como era que o lobo comeu Chapéu zinho Vermelho...?
- EDUARDO : Diz tudo... Diz o resto, Raul...
- D.MARIA : (AMEAÇADORA - PAUSADO) Você fique calado... Fique calado, pois tenho-lhe reservado um páreo muito/especial...
- RAUL : Não tia... Fazíamos para que a senhora achasse / que na realidade Maria Rosa era minha mulher...
- D.MARIA : Mas, como Maria Rosa não era Maria Elena, Maria/Rosa passava por Maria Elena... Aha... Depois de tudo isso, dá para saber para que tôda esta fofo ca...?
- RAUL : Pois tive medo que ao ver-me só, a senhora não a creditasse no meu casamento... Que na verdade es tava casado e que era muito feliz com Maria Elena...
- D.MARIA : Ah, viu o que acontece por ter-me mentido tanto, durante tantos anos...?
- RAUL : Por isso mesmo, tia... Estava certo que se ao chegar, a senhora não achasse um lar completo, é, / isto é, os dois juntos, não poderia convencê-la/ que no fim, "tinha sentado cabeça"... Compreen- / deu agora...?
- D.MARIA : Isso, quase sim... Vamos dizer que sim... tá... Mas agora, me queres dizer que tem a ver com o / peixe, êste "mucaminho bossa nova...?"
- RAUL : Êste...? Êste é o marido de Maria Elena... digo, de Maria Rosa...
- D.MARIA : O marido de quem...?
- M. ROSA : Meu...
- D.MARIA : O teu...? Ah, por isso via-se nos seus olhos co- mo se estivesse te vigiando...
- EDUARDO : (ANIMANDO-SE) Claro... Também a senhora gostaria



- de ver a sua mulher indo dormir com outro...?
- D.MARIA : A minha quê...? Pára com isso, que eu nunca tive ...
- EDUARDO : Sim, claro... desculpe... É uma maneira de dizer ...
- D.MARIA : (TRANS.) Então, o único "manso ciente" aqui, era êste coitado...
- EDUARDO : (COM RESIGNAÇÃO) Sim, senhora... Porém tudo seja pela felicidade de um amigo... (OLHA COM RABO DE OLHOS PARA RAUL).
- D.MARIA : Mas tenha cuidado... Não vai acostumar a fazer / êste tipo de favôres...
- EDUARDO : Perca o cuidado, senhora... que noutra como esta não entro...
- D.MARIA : (ACERCA-SE DE MARIA ROSA, AO MESMO TEMPO QUE TODOS SE SEPARAM, POIS AVANÇA COM FACÃO NA MÃO. AO MESMO TEMPO, MARIA ELENA CHEGA-SE PARA JUNTO DO SOFÁ. AO VER-SE PERSEGUIDA MARIA ROSA CHEGA ATÉ PAREDE, ATÉ QUE D.MARIA APONTANDO-LHE O FACÃO PARA O ABDOMEM): E falando de tudo um pouco... "isso", o dos desmaios, de quem é...? (OLHA PARA RAUL QUE FAZ GESTOS DE IGNORÂNCIA. QUASE IDEM EDUARDO, PORÉM COM SUSPIRO).
- EDUARDO : (MUITO DEVAGAR) E... acho que deve ser meu...
- M.ELENA : (CAI SOBRE SOFÁ. DESFALECENDO, CHAMA): Raul... Raul...!
- RAUL : (RÁPIDO À SEU LADO) Maria Elena, Maria Elena, que tens...?
- D.MARIA : (QUE TAMBÉM CHEGA JUNTO DA SOBRINHA)... queres que lhe aconteça...? Desmaiou... estás vendo...? Eh, Maria Elena, Ma... 
- EDUARDO : (ALCANÇA PERFUME)... Aqui tem, dona Maria...
- D.MARIA : (OLHANDO QUASE DE RABO DE OLHO)... Obrigada, "mucamo"...
- M.ELENA : (REAGINDO) Eh...? Que... quê passou, Raul...?
- RAUL : Nada, meu amor... nada... um desmaio...

- M.ELENA : E o quinto... Por isso adiantei 'o regresso...
- RAUL : (FELIZ) O quinto...? (ALTO GRITANDO) Tia... Eduardo... Maria Rosa... ela desmaiou... Maria Elena desmaiou... e é o quinto... (A ELA) Maria Elena, seremos mães, digo, seremos pais... Teremos/um filho...
- M.ELENA : (DOCE) E estás contente...?
- RAUL : Como não vou estar...? Minha boneca... (BEIJAM-SE).
- D.MARIA : (VENDO O QUADRO QUE ÊLES APRESENTAM) Que tontos/ ficam os homens quando se enteiram que "a mulher terá um filho..." Será que todos os pais são / pais...?
- EDUARDO : (APROXIMANDO-SE DE RAUL, JUNTO COM MARIA ROSA, / BATE-LHE LEVEMENTE NO OMBRO)... Ouça senhor... senhor... Agora que ficou tudo acertado, ME EM- / PRESTA MINHA MULHER...?

FIM DO III ATO

DE

" ME EMPRESTA SUA MULHER...? "

Pôrto Alegre, 25/7/1964.-

Roberto Mara



tece. Onde se viu tanta confiança com a esposa / do patrão...! Lógico, vai saber onde se conhece- / ram...! Em que "boite" ou em que seresta o terá / recebido de presente... Pois este pateta, com es- / ta santa, pode fazer de conta que tirou a sorte / grande... Ele sempre foi um aloucado... Com as ma- / luquices que andou escrevendo, achava que chega- / ria a algo...

RAUL : Bom, mas agora triunfei, tia... Agora tenho um no- / me como escritor...

D.MARIA : Não interessa... Tudo isso passa... Estou certa / que agora, com uma mulher como a que tens, e com / o filho que está a caminho, começarás a pensar sè- / riamente... (A EDUARDO QUE TERÁ FICADO OLHANDO PA- / RA M.ROSA EMBELEZADO. ELA IDEM) E você...? (ELE / ASSUSTA-SE)... Que tem que olhar assim para minha / nora-sobrinha... ou sobrinha-nora, que não sei / muito bem como se diz...?

RAUL : Simplesmente: sobrinha política, tia...

D.MARIA : Não, é pouco... pois eu já me sinto meio mãe, / meio...

EDUARDO : (CORTA) A senhora também...?

D.MARIA : Que insinua, insolente...? Vai para a cozinha, sar- / gento das panelas... (EDUARDO FICA OLHANDO-A COM / RAIVA. TIA SE LEVANTARÁ). (COM GEITO MILITAR) ... / Atenção... Sentido... Recruta... Em frente... Mar- / cha... um, dois, um, dois... (SEGUE-O MUTIS COZI- / NHA. M.ROSA E RAUL FICAM OBSERVANDO COM PESAR E / TROCAM OLHARES DE COMPREENSÃO. D.MARIA VOLTANDO) / ... Viram... Eu não falei para vocês que o "con- / sertava" logo...?

M.ROSA : Ele não é mau, tia... Tudo ao contrário, é bom de- / mais, até... Eu quero-o muito...

D.MARIA : Como... Queres-o muito...?

RAUL : Sim tia... O queremos muito...

D.MARIA : Eu já não compreendo mais nada... Esta é uma casa / de malucos... Mas o meu amo êsse, aprendiz de cos-



tece. Onde se viu tanta confiança com a esposa / do patrão...! Lógico, vai saber onde se conhece- / ram...! Em que "boite" ou em que seresta o terá / recebido de presente... Pois este pateta, com es- / ta santa, pode fazer de conta que tirou a sorte / grande... Ele sempre foi um aloucado... Com as ma- / luquices que andou escrevendo, achava que chega- / ria a algo...

RAUL : Bom, mas agora triunfei, tia... Agora tenho um no- / me como escritor...

D.MARIA : Não interessa... Tudo isso passa... Estou certa / que agora, com uma mulher como a que tens, e com / o filho que está a caminho, começarás a pensar sè- / riamente... (A EDUARDO QUE TERÁ FICADO OLHANDO PA- / RA M.ROSA EMBELEZADO. ELA IDEM) E voê...? (ELE / ASSUSTA-SE)... Que tem que olhar assim para minha / nora-sobrinha... ou sobrinha-nora, que não sei / muito bem como se diz...?

RAUL : Simplesmente: sobrinha política, tia...

D.MARIA : Não, é pouco... pois eu já me sinto meio mãe, / meio...

EDUARDO : (CORTA) A senhora também...?

D.MARIA : Que insinua, insolente...? Vai para a cozinha, sar- / gento das panelas... (EDUARDO FICA OLHANDO-A COM / RAIVA. TIA SE LEVANTARÁ). (COM GEITO MILITAR) ... / Atenção... Sentido... Recruta... Em frente... Mar- / cha... um, dois, um, dois... (SEGUE-O MUTIS COZI- / NHA. M.ROSA E RAUL FICAM OBSERVANDO COM PESAR E / TROCAM OLHARES DE COMPREENSÃO. D.MARIA VOLTANDO) / ... Viram... Eu não falei para vocês que o "con- / sertava" logo...?

M.ROSA : Ele não é mau, tia... Tudo ao contrário, é bom de- / mais, até... Eu quero-o muito...

D.MARIA : Como... Queres-o muito...?

RAUL : Sim tia... O queremos muito...

D.MARIA : Eu já não compreendo mais nada... Esta é uma casa / de malucos... Mas o meu amo êsse, aprendiz de cos-





tece. Onde se viu tanta confiança com a esposa / do patrão...! Lógico, vai saber onde se conhece- / ram...! Em que "boite" ou em que seresta o terá / recebido de presente... Pois este pateta, com es- / ta santa, pode fazer de conta que tirou a sorte / grande... Ele sempre foi um aloucado... Com as ma- / luquices que andou escrevendo, achava que chega- / ria a algo...

RAUL : Bom, mas agora triunfei, tia... Agora tenho um no- / me como escritor...

D.MARIA : Não interessa... Tudo isso passa... Estou certa / que agora, com uma mulher como a que tens, e com / o filho que está a caminho, começarás a pensar sè- / riamente... (A EDUARDO QUE TERÁ FICADO OLHANDO PA- / RA M.ROSA EMBELEZADO. ELA IDEM) E voê...? (ELE / ASSUSTA-SE)... Que tem que olhar assim para minha / nora-sobrinha... ou sobrinha-nora, que não sei / muito bem como se diz...?

RAUL : Simplesmente: sobrinha política, tia...

D.MARIA : Não, é pouco... pois eu já me sinto meio mãe, / meio...

EDUARDO : (CORTA) A senhora também...?

D.MARIA : Que insinua, insolente...? Vai para a cozinha, sar- / gento das panelas... (EDUARDO FICA OLHANDO-A COM / RAIVA. TIA SE LEVANTARÁ). (COM GEITO MILITAR) ... / Atenção... Sentido... Recruta... Em frente... Mar- / cha... um, dois, um, dois... (SEGUE-O MUTIS COZI- / NHA. M.ROSA E RAUL FICAM OBSERVANDO COM PESAR E / TROCAM OLHARES DE COMPREENSÃO. D.MARIA VOLTANDO) / ... Viram... Eu não falei para vocês que o "con- / sertava" logo...?

M.ROSA : Ele não é mau, tia... Tudo ao contrário, é bom de- / mais, até... Eu quero-o muito...

D.MARIA : Como... Queres-o muito...?

RAUL : Sim tia... O queremos muito...

D.MARIA : Eu já não compreendo mais nada... Esta é uma casa / de malucos... Mas o meu amo êsse, aprendiz de cos-



3 Atos (1º Dividido em 2 Cenas)

ROBERTO MARA  
P. Alegre/64.

Comédia

ÉPOCA ATUAL. QUALQUER PARTE. DECORADO ÚNICO; INTERIOR DE APARTAMENTO MODERNO. LATERAL DIREITA, QUARTO OCUPADO POR EDUARDO. LATERAL ESQUERDA, QUARTO OCUPADO POR RAUL, AMBOS COM PORTA SEGUNDO / PLANO. AS PAREDES LATERAIS TERMINARÃO AMBAS, EM SAÍDA RUA (lateral direita) e SADA INTERIOR APARTAMENTO (lateral esquerda), SENDO QUE FUNDO PALCO SERÁ QUARTO TIA, COM PORTA NO CENTRO. LARGURA DO QUARTO TIA SERÁ APROXIMADAMENTE A METADE DA LARGURA DA BOCA / DO PALCO. LATERAL ESQUERDA, 1º PLANO, NASCE SACADA À GALERIA QUE SE PROLONGARÁ NAS TRÊS PAREDES. SOBRE QUARTO TIA, PORÉM MENOS / LARGO, ESCRITÓRIO RAUL COM MESA, SOFÁ, JANELA NA PAREDE FUNDO, ALGUNS LIVROS, MÁQUINA ESCREVER E DECORAÇÃO DE ACÓRDO COM CRITÉRIO DIREÇÃO. NO CENTRO PARTE TÊRREA, SOFÁ QUATRO ESPAÇOS E OUTRO PEQUENO; CIRCUIR DE PÉ ENTRE AMBOS. RESTO DECORAÇÃO TAMBÉM A CRITÉRIO. TODA DECORAÇÃO INDICARÁ BOM GÓSTO E BOA SITUAÇÃO FINANCEIRA. DIREITA/ESQUERDA, AS DO ESPECTADOR. -----

I ATO

- D. DANIEL : (QUE ESTARÁ BEBENDO, DE PÉ, COM COPO NA MÃO. IMPACIENTE. OLHANDO RELÓGIO DE PULSO. FALA OLHANDO PARA QUARTO ESQUERDA) E... vamos ou não...? Faltam só 50 minutos para o avião partir...
- D. ADELA : (DE INTERIOR) Não amole que já saímos, tá...? A coitada está terminando de arrumar-se... Imagino/que ninguém está querendo que saia feito uma bruxa...
- D. DANIEL : (RESIGNAÇÃO) O que não quero é que percam as passagens...
- RAUL : (SAINDO DO QUARTO) Já estão prontas, senhor Daniel... O senhor sabe como elas são...!
- DANIEL : Como não sabê-lo...! 22 anos aguentando a minha!
- RAUL : (COM ESTRANHEZA) 22 anos...? Então quer dizer que o senhor está levando-me 21 anos, nove meses e quatro dias, de vantagem no páreo da felicidade?
- DANIEL : Ou da desdita... como queira dizer...



**IMPRÓPRIO  
ATÉ 14 ANOS**

3 Atos (1º Dividido em 2 Cenas)

ROBERTO MARA  
P. Alegre/64.

Comédia

ÉPOCA ATUAL. QUALQUER PARTE. DECORADO ÚNICO: INTERIOR DE APARTAMENTO MODERNO. LATERAL DIREITA, QUARTO OCUPADO POR EDUARDO. LATERAL ESQUERDA, QUARTO OCUPADO POR RAUL, AMBOS COM PORTA SEGUNDO / PLANO. AS PAREDES LATERAIS TERMINARÃO AMBAS, EM SAÍDA RUA (lateral direita) e SADA INTERIOR APARTAMENTO (lateral esquerda), SENDO QUE FUNDO PALCO SERÁ QUARTO TIA, COM PORTA NO CENTRO. LARGURA DO QUARTO TIA SERÁ APROXIMADAMENTE A METADE DA LARGURA DA BOCA / DO PALCO. LATERAL ESQUERDA, 1º PLANO, NASCE SACADA À GALERIA QUE SE PROLONGARÁ NAS TRÊS PAREDES. SOBRE QUARTO TIA, PORÉM MENOS / LARGO, ESCRITÓRIO RAUL COM MESA, SOFÁ, JANELA NA PAREDE FUNDO, ALGUNS LIVROS, MÁQUINA ESCREVER E DECORAÇÃO DE ACÓRDO COM CRITÉRIO DIREÇÃO. NO CENTRO PARTE TÊRREA, SOFÁ QUATRO ESPAÇOS E OUTRO PEQUENO; CIRCUIR DE PÉ ENTRE AMBOS. RESTO DECORAÇÃO TAMBÉM A CRITÉRIO. TODA DECORAÇÃO INDICARÁ BOM GÓSTO E BOA SITUAÇÃO FINANCEIRA. DIREITA/ESQUERDA, AS DO ESPECTADOR. -----

I ATO

- D. DANIEL : (QUE ESTARÁ BEBENDO, DE PÉ, COM COPO NA MÃO. IMPACIENTE. OLHANDO RELÓGIO DE PULSO. FALA OLHANDO PARA QUARTO ESQUERDA) E... vamos ou não...? Faltam só 50 minutos para o avião partir...
- D. ADELA : (DE INTERIOR) Não amole que já saímos, tá...? A coitada está terminando de arrumar-se... Imagino/que ninguém está querendo que saia feito uma bruxa...
- D. DANIEL : (RESIGNAÇÃO) O que não quero é que percam as passagens...
- RAUL : (SAINDO DO QUARTO) Já estão prontas, senhor Daniel... O senhor sabe como elas são...!
- DANIEL : Como não sabê-lo...! 22 anos aguentando a minha!
- RAUL : (COM ESTRANHEZA) 22 anos...? Então quer dizer que o senhor está levando-me 21 anos, nove meses e quatro dias, de vantagem no páreo da felicidade?
- DANIEL : Ou da desdita... como queira dizer...



**IMPRÓPRIO  
ATÉ 14 ANOS**